ISTOÉ

TRÊS

VANDALISMO Brasília, 21h, de segunda-feira, 12: ônibus e carros incendiados, invasões e depredações marcam a arruaça bolsonarista após a diplomação de Lula



A baderna será punida?

O vandalismo em Brasília abre um **novo capítulo do ataque bolsonarista à democracia.** Promovido por **grupos que pedem a intervenção militar** diante de quartéis, o quebra-quebra conta com o **estímulo de Bolsonaro,** que deseja promover um **Capitólio tupiniquim.** A sublevação precisa ser reprimida

Foto real da piscina para prática de surf do Boa Vista Village



Perspectiva do Surfside Residences

Uma completa estrutura de serviços e amenities inéditas: • Campo de golfe de 18 buracos assinado por Rees Jones • Club de Surf de uso reservado apenas para membros • Centro de Tênis com 15 quadras e arena para torneios internacionais • Centro equestre e Fazendinha • Town Center com lojas e restaurantes • Kids Center • Spa internacional • Academia • Clube esportivo • Centro Orgânico

ENTREVISTA

WALTER CASAGRANDE JÚNIOR

Comentarista esportivo, ex-jogador de futebol



DEDO NA FERIDA Casagrande fala de política e sociedade: “Não vejo o futebol apenas como 22 caras correndo atrás de uma bola”

Walter Casagrande Júnior, aos 59 anos, ainda é venerado como ídolo do Corinthians, onde ganhou títulos e integrou a chamada Democracia Corintiana, movimento no qual jogadores liderados por ele e Sócrates se posicionaram por um comportamento mais politizado dos atletas. O “Casão” disputou a Copa de 1986 e jogou no Porto, de Portugal, e no Torino, da Itália, com sucesso. Como comentarista, passou 25 anos na Globo, com muita popularidade, até deixar a emissora em junho. Passou a colunista do UOL e está no Catar, na sétima Copa como comentarista. Foi de lá que conversou com ISTOÉ sobre futebol, política e sua notória e vitoriosa luta contra o uso de drogas. Na Copa, criticou os pentacampeões mundiais Ronaldo, Kaká, Cafu e Roberto Carlos, que assistiram aos jogos do Brasil das tribunas dos estádios, “ao lado dos opressores do Catar”. Casagrande não poupa ninguém: os campeões do penta, o jornalista Tiago Leifert, que o atacou no bojo das respostas revoltadas dos ex-atletas, Tite, Neymar, e, principalmente, Jair Bolsonaro.

Por Thales de Menezes

O Catar, para dizer o mínimo, não colhe muitos elogios entre os visitantes. Você vai completar um mês em Doha. O que acha do país?
Sou contra a Copa do Catar. Sou contra a Copa num país que não respeita os direitos humanos, que trata a mulher como um ser inferior e é altamente homofóbico. O futebol, e o esporte em geral, é um meio fortíssimo de inclusão. Então não pode ser disputado num país que não respeita as diferenças. As mulheres realmente não têm valor aqui. É uma coisa muito feia, incomoda. Nós temos diversos problemas no Brasil, mas quando você está num país em que o preconceito é oficial, faz parte do dia a dia, é uma coisa chocante. Aqui eles não têm nem o direito de lutar contra. No Brasil, pelo menos a gente pode ir contra tudo isso.



"Eles ficam revoltados porque se acham intocáveis, acham que ninguém pode falar mal de quem foi campeão do mundo"

E a Copa, dentro dos estádios, está indo bem?
Não tem clima nenhum de Copa do Mundo. Nem dentro do estádio. Na hora dos gols, os caras colocam uma música altíssima, você não ouve a torcida comemorar o gol. O gol é o momento que liga a energia do campo com a energia da arquibancada, do jogador com o torcedor, é uma troca. E os caras interrompem isso. Não deixam isso acontecer. Falta de conhecimento do que é realmente uma partida de futebol. Os estádios são maravilhosos, mas como foram em todas as Copas. Cada uma em seu estilo. Em todas as Copas que eu fui, os estádios eram lindos. Fora isso, não tem clima de Copa, a música alta é antes do jogo, no intervalo, na hora do gol... Para quem gosta mesmo de futebol é um tormento, uma chatice...,

E nem deve ser um bom rock tocando, não?
É música eletrônica! Eu odeio! Queria uma Copa assim na Inglaterra, para ficar escutando Beatles, Rolling Stones, The Who... Aqui sou obrigado a ouvir eletrônica o tempo todo.

Se Sócrates jogasse hoje, você acha que, com o perfil ativista que sempre demonstrou, ele aceitaria disputar a Copa do Mundo no Catar?
Ele não viria. Eu também não viria. Vim para cá porque trabalho como jornalista há mais de 26 anos. Queria participar da Copa, é a minha sétima. Eu vim para trabalhar. Se fosse jogador de futebol, não iria defender a camisa do meu país em um lugar que não respeita as diferenças. Eu tenho certeza que isso seria um problema para muitos daquela turma dos anos 1980. Mas, pensando melhor, nós poderíamos até vir, eu, Sócrates e outros jogadores, mas para fazer protesto no campo, mesmo com a Fifa proibindo.

Você foi obrigado a dividir seu tempo nesses dias entre analisar os jogos da Copa e rebater críticas pesadas de ex-jogadores e de colegas do jornalismo esportivo. Como lidar com isso?
Aí é que está. Acho que essa palavra, "crítica", ela não cabe no meu caso. Eu não sou criticado, eu sou atacado. É diferente. Ninguém fala "Eu não concordo com o que essa cara está falando!". Eles tentam me desqualificar e me desmerecer, atacando o meu passado com o uso de drogas. Atacam a minha doença, a minha dependência química. Eu não sou um cara de responder, não entro em guerra de rede social. Esses caras já me atacaram cem mil vezes. Só que dessa vez achei covarde esse ataque em grupo. Os pentacampeões, mais alguns jogadores e alguns jornalistas esportivos, como foi o caso do Tiago Leifert. Eles se uniram para um ataque coletivo ao trabalho de uma pessoa. O que eu falo, o que eu escrevo, isso é o meu trabalho. Eu estou aqui para escrever sobre a Copa, sobre comportamento, sobre política, sobre o que eu quiser. Tenho liberdade, escrevo o que eu quero. Estou aqui para trabalhar, presto atenção em tudo. Já disse muitas vezes, e vou repetir, que para mim o futebol faz parte de uma sociedade. Então política, governo Bolsonaro, vitória do Lula, desmatamento, povos indígenas, racismo, tudo para mim está dentro do mesmo pacote. Eu não vejo o futebol apenas como 22 caras correndo atrás de uma bola rolando.

O gatilho dessa polêmica foi a participação dos campeões de 2002, não?
Os ex-jogadores da Argentina ficam nas arquibancadas, junto com os torcedores. E os pentacampeões sentados nas tribunas de luxo, junto com os diretores da Fifa e com os opressores do Catar. E recebendo. Recebendo! Foram pagos para fazer isso. Aí o Kaká vem e diz que estavam trabalhando. Alguém oferece uma grana para fazer uma coisa, você pode aceitar ou não. Se aceita, é porque está concordando com aquilo. Sabe por que eles reagiram? Porque eu falei a verdade e toquei na ferida. Fui direto ao ponto. Eles ficam revoltados porque se acham intocáveis, acham que ninguém pode falar mal de quem já foi campeão do mundo. Não pode criticar Ronaldo, Roberto Carlos, Cafu, Kaká... Kaká é o pior deles, porque se esconde atrás de uma religião e demonstrou claramente >>

FOTOS: BRUNO SANTOS/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

ser preconceituoso, inclusive com o próprio Ronaldo, ao dizer que as pessoas no Brasil acham que o Ronaldo é só mais um gordo andando na rua. Olha o que um religioso fala. Eu comprei essa briga inicialmente sozinho, porque não tolero turma atacando uma pessoa só. É uma covardia. E fiquei muito feliz que, aos poucos, pessoas importantes foram entrando do meu lado, pessoas dignas, intelectuais, jornalistas, atores, escritores. E eles não entraram nessa porque o Casagrande é legal ou é bonito, mas porque concordam com a minha opinião.

Falando em polêmicas nas redes, o quanto elas atrapalham o futebol de Neymar?
O Neymar é um grande jogador, um craque. Mas, na minha opinião, ele não está na primeira prateleira mundial. A primeira prateleira é Mbappé, Messi, Modric, Harry Kane... Essa é a primeira, e o Neymar não está lá, porque não foi bem em nenhuma Copa. Nas três que jogou, contra a Croácia foi o único gol importante que ele fez. Pesa muito o comportamento e as escolhas que ele faz. O futebol não é um mundo paralelo, está dentro de uma sociedade. Neymar apoia um governo nazista. Não sou eu que digo que é nazista, é o pesquisador Michel Gherman. Neymar apoia um sujeito que debochou das famílias que perderam entes queridos na pandemia, que imitou gente que morreu com falta de oxigênio, que apoia desmatamento da Amazônia, garimpo ilegal e assassinato dos povos indígenas. Um cara que várias vezes demonstrou ser um machista agressor de mulheres, principalmente jornalistas, um cara com diversas falas racistas e homofóbicas... E você vai e oferece um gol em homenagem a ele? O que o Neymar quer? Que o povo brasileiro inteiro aplauda? Quem aplaude Neymar são fascistas e nazistas como Jair Bolsonaro. O Neymar segue um embalo familiar, do pai dele. Não estou isentando o Neymar da responsabilidade, só digo que tem influência do pai dele nas escolhas, porque nunca assumiu responsabilidade, é um cara infantil. Ele sofre da Síndrome de Peter Pan, se recusa a amadurecer.

Quem assume no lugar de Tite? Um estrangeiro? Fala-se em Jorge Jesus, Carlo Ancelotti, e Abel Ferreira.
A escolha de um treinador não tem que contemplar só o trabalho do cara, precisa também da análise do caráter. O Jorge Jesus já demonstrou muitas vezes ter um caráter no mínimo duvidoso. No próprio Flamengo, ele foi de uma falta de ética e de dignidade enorme. O Abel Ferreira é o melhor treinador hoje no Brasil, Para mim, colocaria o Abel e nem pensaria duas vezes.

> "O que o Neymar quer? Que o povo inteiro aplauda? Quem aplaude Neymar são fascistas e nazistas como Jair Bolsonaro"



É difícil ser um comentarista crítico a um torneio quando você trabalha para a emissora que detém os direitos de transmissão do evento e fatura muito com isso?
Eu trabalhei 25 anos na TV Globo, nunca impuseram nada e eu sempre critiquei. Fui contra a volta do futebol na época da pandemia, mesmo com a Globo tendo os direitos de transmissão de vários campeonatos. Sempre critiquei a seleção quando ela estava mal. Na última Copa foi um lixo. e há quatro anos que estou falando que a seleção não vai a lugar nenhum. Desde 2019 estou falando que o Tite não tem variações, que não tem um bom time, que só ganha dessas seleções sul-americanas. Algumas pessoas acham fantástico o time ficar em primeiro lugar das Eliminatórias. Falam bobagens. Só seis derrotas em 80 jogos? Das seis derrotas, três foram para a Argentina, uma delas final da Copa América. Duas foram em Copa do Mundo, contra Bélgica e contra Camarões. E uma em amistoso com o Peru. E as 80 vitórias? Dez vezes contra Peru, não sei quantas contra Equador, Bolívia, Paraguai, El Salvador, Gana, só contra esses times aí. Se não começar a fazer jogos com seleções boas, na próxima Copa vai cair novamente quando cruzar com um time europeu de médio para grande.

Lula irá assumir a Presidência num cenário bem diferente do que existia na primeira vez eleito. O que você espera?
As melhoras vão ficar nítidas logo, porque o Bolsonaro destruiu tudo. A Cultura, a Educação e a Saúde terão uma melhora imediata. Na proteção da Amazônia também. Os povos indígenas vão ganhar espaço rapidamente. O que vai levar mais tempo é retomar os princípios e os valores da nossa sociedade.

Nova York acaba de aprovar a internação involuntária de usuários de drogas quando pedida pelas famílias. Você já viveu essa situação, não?
A minha vida foi salva pela minha família, que me internou involuntariamente. Você vai chegar na Cracolândia e perguntar quem quer ser internado? Ninguém vai responder que quer. Se você está totalmente dominado, dependente da droga, não fica meia hora sem fumar uma pedra. A internação involuntária é para a pessoa que não tem mais poder de decidir. Quer salvar a vida, tem que internar, concordo plenamente. Uma palestra ou um debate sobre isso em que eu esteja me faz bem. Além de passar minha vivência, conheço muito bem o tratamento, principalmente na parte psicológica e comportamental. Para mim, faz muito bem reviver todo esse processo falando, falando e falando. ■

FOTO: REPRODUÇÃO



COMO SE DESTACAR NA BLACK FRIDAY

Empresas já se preparam para uma das maiores datas comerciais do mundo, e sair na frente dos concorrentes é o maior desafio nesse período.

Datas sazonais são ótimas para vender e ninguém pode negar. Mas já parou pra pensar em aproveitar a oportunidade para também se relacionar melhor com seu público? A Black Friday não deve ser apenas sobre vender mais, ela é uma oportunidade de construir relações com seus clientes e fortalecer sua marca.

Campanhas promocionais com foco apenas no menor preço e descontos colhem resultados de curto prazo e não contribuem para fidelizar clientes no longo prazo. O que acontece com os clientes que compraram um produto seu com desconto durante essa data depois que ela acabar? Ele voltará a comprar com você sem o desconto?

Além disso, o consumidor é bombardeado por ofertas parecidas e fica com dificuldade em escolher a melhor. Campanhas inteligentes conseguem se destacar sendo diferentes.

CONSTRUIR RELAÇÕES É MAIS IMPORTANTE DO QUE DAR DESCONTOS

Criar conexões verdadeiras com seus clientes resultará em relacionamentos duradouros, sem uma espera por descontos expressivos em seus produtos.

O marketing de recompensas pode ser um grande aliado das empresas na Black Friday. Uma pesquisa conduzida pelo grupo Aberdeen demonstra que as promoções baseadas em recompensas aumentam em 6% a rentabilidade por cliente, quando comparadas com promoções baseadas em descontos. Essa estratégia pode ser usada para diversos objetivos, como incentivar o engajamento, gerar intenção e aumentar frequência de compra, além de minimizar potencial de receita perdida devido a descontos.

CAMPANHAS DE MARKETING DE RECOMPENSAS NA BLACK FRIDAY

Serviços financeiros, varejo ou serviços de assinatura, não importa o segmento, ser recompensado é bom e todo mundo gosta. As possibilidades do marketing de recompensas são inúmeras e os benefícios também: diferenciação dos concorrentes, traz maior percepção de valor, pode ser usada por empresas de todos os tamanhos e permite campanhas personalizáveis.

COMPROU, GANHOU: Ofereça recompensas alinhadas ao seu nível de investimento e personalizadas de acordo com público e produto. A campanha pode estar atrelada a comportamentos que sua empresa deseja incentivar, como compra no cartão de crédito.

POR TICKET MÉDIO: Ofereça recompensas condicionadas a um gasto mínimo. Ganhe nas compras a partir de um ticket médio específico.

RECUPERAÇÃO DE CARRINHO: Faça uma campanha para todos que abandonaram o carrinho, oferecendo uma recompensa na compra.

ABERTURA DE CONTAS: Com o crescimento das fintechs, o mercado se encontra saturado de ofertas. Para se diferenciar, ofereça uma recompensa para cada abertura de conta com um valor de investimento mínimo.

CICLO DE VIDA DE CARTÕES: Uma coisa que todos precisam na Black Friday é um meio de pagamento. Por que não incentivar o uso do seu cartão para compras durante o período?

ASSINATURA ANUAL: Incentive o comprometimento de longo prazo na hora de escolher entre um plano mensal ou anual e obtenha contratos mais longos.

CASHBACK EM RECOMPENSAS: Incentive a recorrência recompensando mensalmente quem assinar seu produto durante o período de Black Friday. Ao agregar valor todo mês, você cria várias experiências positivas entre seu cliente e sua marca.

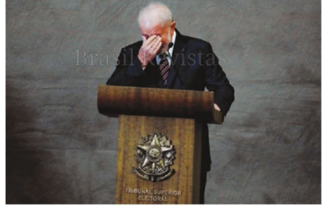


Editorial

Carlos José Marques, *diretor editorial*

A PAX DOS PODERES

Foram momentos de um desabafo generalizado em prol da democracia. Lula, o presidente eleito, verteu lágrimas, sinceras (dava para notar), quando da leitura de seu libelo à conquista. Alexandre de Moraes, o presidente do TSE – e de alguma forma maior bastião da luta para assegurar a estabilidade e lisura do processo, – foi mais fundo. Falou na batalha, decerto hercúlea, para barrar o sobranceiro pendor autoritário, contra a desinformação e os discursos de ódio que ainda granjeiam nas redes e nos grupelhos golpistas plantados até hoje em vigília de arruaça diante dos quartéis. Garantiu que seriam responsabilizados. Nas ruas de Brasília, nas cercanias da Polícia Federal, numa noite tenebrosa, a baderna tomava conta, com bolsonaristas queimando ônibus, depredando patrimônio, atacando com pedras, paus e o que tinham pela frente inúmeras instituições da capital federal, a destilar a raiva implacável pela saída iminente do mito de araque adorado. Eram talvez os últimos resquícios do clima anárquico que se instalou no País desde que o capitão extremista – que nada faz além de incitar à violência e destruição – foi ungido ao Planalto, há quatro intermináveis anos. Bolsonaro vive o ocaso e, com ele, uma era de desmonte incomparável dos valores republicanos. Lula, que elogiou o povo, a liberdade e apelou à união, tenta recosturar solturas de uma sociedade despedaçada, aos trapos, com 33 milhões de famintos, um legado de miséria incomparável, a nível recorde; setores de Educação, Saúde e Meio Ambiente dilapidados. Nas palavras do eleito, com a diplomação efetivada, as pessoas estão reconquistando o direito de viver sem a mentira e o arbítrio. Ele deseja acolher aqueles que sofreram toda sorte de ofensas, ameaças e agressões para fazer valer a soberania do voto popular — o STF dentre eles, a quem o demiurgo de Garanhuns resolveu dirigir elogios típicos de quem almeja arregimentar aliados. O clima de beligerância ainda não desanuviou e por motivos óbvios: o mandatário Messias, a seguir nos derradeiros dias no posto, trata de alimentar a algazarra. Em repúdio à quebradeira não moveu uma palha sequer. Nenhuma força de guarda para coibir, controlar a massa enfurecida e prender os delinquentes. Nada foi feito. Como se, ao contrário, uma ordem implícita e não expressada tivesse sido dada para abrir espaço a tais demonstrações de caos. Seu sonho dourado, como lembrou Moraes, era criar um regime de exceção. De maneira intensa e criminosa procurou dilapidar os fundamentos constitucionais, asfixiar veículos de mídia, armar extremistas e montar uma narrativa paralela que, de maneira torpe e vil, sedimentasse seu caminho para comandar uma ditadura. Não conseguiu. Os poderes constitucionais foram maiores. E agora eles se unem na mesma cruzada. Uma verdadeira pax institucional vem sendo tecida. A vitória plena e incontestável do Estado de Direito é uma realidade.



Na missão de Lula, como sugeriram os magistrados participantes da cerimônia, será preciso buscar serenidade e equilíbrio ante a dura armadilha deixada para ele. O choro de Lula deve ter sido movido também um pouco pela noção e consciência do desafio que lhe aguarda. Há uma imensa cobrança e desconfiança em relação aos passos que dará. É certa má vontade especialmente por setores de elite costumeiramente conservadores e simpáticos ao estilo de personagens como Jair Bolsonaro. No rol de alternativas, políticas públicas de apelo social e instrumentos para o desenvolvimento constituem uma trilha. Há muito mais a perseguir. De uma forma ou de outra, a cerimônia da última segunda-feira, 12, com a presença maciça de líderes dos três poderes, além de ex-presidente da República, marca um ponto de inflexão importante. Lula já avança de maneira promissora no diálogo com o Legislativo. Abriu um relevante leque de aliados a lhe dar apoio. Ganhou o aval do Judiciário e evolui para uma gestão que pode deixar bons resultados. Basta não abusar de práticas ideológicas que nada acrescentam. Erro capital de seu antecessor que levou o pêndulo a se movimentar, mais uma vez de maneira abrupta, da direita para a esquerda. ■

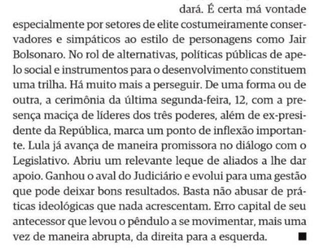


FOTO: CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

Sumário

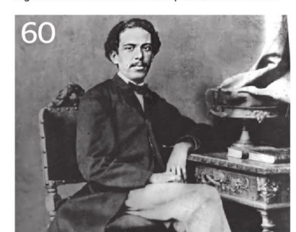
Nº 2760 – 21 de dezembro de 2022
ISTOE.COM.BR



BRASIL Para acomodar os seus aliados mais fiéis o presidente eleito (ao centro) muda a lei das estatais e prioriza nomes ligados ao PT



COMPORTAMENTO Quais as ações práticas que o governo de Lula terá de tomar para desarmar o País



CULTURA Livro resgata textos de suspense e mistério produzidos por escritores no século 19 – dentre eles, Edgar Allan Poe, Machado de Assis (foto) e Olavo Bilac



CAPA Arruaceiros bolsonaristas investem contra a democracia, encorajados por Jair Bolsonaro. Os atos de vandalismo precisam ser punidos

FOTO CAPA: ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOLHAPRESS
FOTOS EDITORIAIS: EVARISTO SÁ/AFP; WILTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO; MATIAS DELACROIX/AP PHOTO; REPRODUÇÃO

por Felipe Machado

Editor de Cultura de ISTOÉ



BOLSONARISTAS, NÃO; TERRORISTAS

Falta pouco para nos livrarmos do pior presidente da história do Brasil, um ser desprezível que voltará à bizarra realidade de onde nunca deveria ter saído. Até esse dia chegar, no entanto, ele certamente conseguirá atrapalhar um pouco mais a vida do País, o que tem feito sem trégua desde 2019. Ainda não sabemos bem o estrago que deixará. A única certeza é que será enorme. E que serão necessárias gerações para consertar todos os problemas reais (e mentais) que ele causou à população brasileira.

É bom chamar as coisas por seus nomes corretos. O vandalismo que vimos essa semana em Brasília não deve ser chamado de "manifestação" ou "protesto": são atos terroristas. Se as hordas golpistas haviam cometido crimes ao fechar estradas, realizar sequestros e ameaçar cidadãos, a depredação e a tentativa de invasão da sede da Polícia Federal apenas confirma o que já sabíamos: a gangue de terroristas tem aval do presidente para cometer atentados. Seu silêncio sobre a violência é sinal do seu doloso apoio. A maior prova do perigo que esse tipo de gente representa é o número de presos anunciado pela polícia militar do Distrito Federal: zero. Três carros destruídos, cinco ônibus queimados e ninguém detido. Das duas uma: ou a PM é absurdamente incompetente ou é cúmplice.

O desprezo dos bolsonaristas pela lei é evidente. O problema é que, quando a legislação não é cumprida, a Justiça passa aos criminosos a ideia de que estão agindo dentro das "quatro linhas", como o seu líder costuma dizer. Os golpistas que vandalizaram Brasília devem ir para a cadeia, com penas adequadas à gravidade da situação. É imprescindível que não haja nenhum tipo de anistia: todos precisam ser punidos com rigor. Isso vale também para os policiais e militares, que muitas vezes escapam graças ao corporativismo da Justiça Militar, uma aberração jurídica que já devia ter acabado há muito tempo.

A depredação de veículos e a tentativa de invasão da sede da Polícia Federal confirmam que a gangue tem aval do presidente para cometer atentados

O Estatuto das Forças Armadas diz que militares da ativa não podem participar de atos políticos. Quando isso ocorre de maneira evidente e o acusado não é punido – como foi o caso do general Eduardo Pazuello, que discursou em um comício à luz do dia, em 23 de maio de 2021 –, abrem-se duas alternativas: ou os juízes militares não têm capacidade cognitiva para compreender o próprio regulamento ou admitem que ele é apenas uma peça de ficção camuflada de seriedade. Em ambos os casos, deveriam ser punidos.

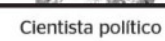
ELITE É QUEM TEM RECURSOS

Não somos nem precisamos ser gênios em matemática para enxergar o óbvio. Por exemplo: sabemos que chega a cem ou milhares a divisão do número de brasileiros que compõem os dez por cento mais pobres pelo conjunto dos dez por cento mais ricos. E que os outros oitenta por cento se distribuem em dezenas de camadas rarefeitas, sem um perfil ou ocupação definido, com um nível de renda familiar também bastante baixo. Tempos atrás, a esquerda adorava dar nomes a esses dois conjuntos. Aos dez por cento de cima ela denominava "elite". Esquecia-se de que, no mundo atual, esse termo perdeu sua conotação aristocrática e passou a significar praticamente o contrário. Elite, hoje, é gente que dedica parte de seus recursos à promoção do bem comum, valorizando a educação ou promovendo iniciativas úteis a toda a sociedade.

Os dez por cento de baixo, à esquerda, o clero e outros grupos médios designavam como "excluídos" – boa designação, pois, de fato, tais grupos

Pedir dinheiro àqueles que saem para o trabalho às cinco e meia da manhã, ou que exercem alguma pressão sobre os poderes públicos é pura demagogia

por Bolívar Lamounier



Cientista político

tinham certa compaixão pelos miseráveis, mas só os conheciam de longe. Não gostavam nem viam utilidade em se aproximar das periferias ou em viajar pelos cafundós do interior desse nosso triste País. Quando queriam saber alguma coisa, liam as pesquisas de opinião, que lhes diziam o que já sabiam de antemão, ou seja, que muitos eram tão pobres que catavam na rua restos de comida ou ossos para a sopa da noite.

Suponhamos que essa gente – estou ainda falando das camadas médias – tivesse uma compreensão um pouco melhor de nossa vida política, esse termo que sempre ouvimos ou enunciamos com uma raiva irrefreável. Se deixassem a raiva um pouco de lado e refletisse sobre essa expressão – vida política –, constataria que uma parte da camada a que pertencem – digamos os vinte ou trinta por cento seguintes na escala decrescente de renda – podem se comportar como uma elite, no mínimo fornecendo exemplos positivos ou, melhor ainda, valendo-se de seus recursos para tentar melhorar alguma coisa.

A palavra-chave aqui é recursos. Apelar aos miseráveis que saem para o trabalho às cinco e meia da manhã, ou que exerçam alguma pressão sobre os poderes públicos é pura demagogia. Mas os vinte ou trinta por cento na escala descendente têm algum tempo livre, e o tempo é um recurso valioso. Com tempo, podem se reunir com outros interessados e discutir o que leram no jornal, o que lhes parece certo ou errado, e por esse caminho, gradualmente, balizar as atitudes dos candidatos a cargos públicos, dizendo-lhes o que acham certo ou errado.

por Cristiano Noronha



Cientista político

LIÇÕES DA PEC DA TRANSIÇÃO

Com a aprovação da PEC da Transição pelo Senado, o governo eleito obteve uma importante vitória no Congresso Nacional. Quando este artigo foi escrito, a votação na Câmara ainda não tinha ocorrido. Mas a tendência é de que a PEC passe na Casa. Garantir a aprovação de uma proposta de emenda constitucional em prazo recorde e com placar expressivo não é trivial. No primeiro turno, a proposta teve 64 votos a favor e apenas 16 contrários. No segundo, o placar foi de 64 X 13. Desse processo, é possível destacar pelo menos quatro lições. A primeira delas é que o governo eleito tem condições de criar uma base suficiente para garantir governabilidade. Os partidos que participaram formalmente da coligação que elegeu Lula (PT) e Geraldo Alckmin (PSB) elegeram apenas 122 deputados e 12 senadores. Mas, graças à vocação governista do Parlamento, a base do futuro governo deve garantir condições para aprovar até mesmo emendas constitucionais.

A segunda lição é que o governo tem condições de aprovar seus projetos prioritários. Mas, para isso, terá que fazer concessões. Inicialmente, a PEC da Transição previa um valor de R$ 200 bilhões, retirava de forma permanente o Bolsa-Família do Teto de Gastos e definia o prazo de dois anos para o governo eleito enviar um novo arcabouço fiscal ao Congresso. Mas, após sua tramitação no Senado, o valor foi reduzido para R$ 168 bilhões, o prazo de retirada do programa social do Teto ficou em dois anos e o novo marco fiscal terá de ser enviado até 31 de agosto do próximo ano. Uma demonstração de que retrocessos em reformas e marcos regulatórios importantes aprovados recentemente, como Reforma Trabalhista e Novo Marco do Saneamento, não necessariamente serão aprovados.

A terceira é a importância de Lula se envolver diretamente em negociações mais complexas. A equipe de transição estava encontrando enorme dificuldade para viabilizar a análise da proposta. Houve atrito até mesmo entre integrantes do PT. O senador Jaques Wagner (PT-BA), por exemplo, atribuía o problema à não nomeação do ministro da Fazenda; já Gleisi Hofmann, presidente do PT, dizia que faltava articulação dos aliados do Senado. Lula entrou em cena, passou uma semana em Brasília e destravou as negociações da PEC. Por fim, vale ressaltar que a aprovação da PEC aumenta o cacife de Rodrigo Pacheco (PSD-MG) na disputa pela presidência do Senado. Aliados do novo governo mostraram força e perceberam que, de fato, poderão contar com seu apoio em votações relevantes. O apoio será retribuído na eleição para o comando do Senado.

Apesar da pequena base parlamentar, o governo Lula terá condições de governabilidade

Frases

"ROBERTA SÁ GOSTA DE SAMBA. O SAMBA GOSTA DA ROBERTA SÁ. E EU GOSTO DE TÊ-LA POR PERTO"

ZECA PAGODINHO, cantor e compositor



"Espontaneidade não é antipatia"

SHERON MENEZES, atriz, ao explicar o distanciamento com o qual trata o público

"Vamos reconstruir o Ministério da Cultura"

MARGARETH MENEZES, cantora, ao aceitar o convite do presidente eleito Lula para ser ministra

"O novo governo tem de aplicar um revogaço em tudo que foi feito e destravar a Lei Rouanet"

JUCA FERREIRA, ex-ministro da Cultura

"Essa é a era dos atletas empoderados"

JULES BOYKOFF, cientista político norte-americano e ex-jogador de futebol

FOTOS: FÁBIO GUINALZ/FOTOARENA; CHANG W. LEE/THE NEW YORK TIMES; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

"ALÉM DE HÁBIL POLÍTICO, LULA É UMA PESSOA AFÁVEL"

GERALDO ALCKMIN, vice-presidente eleito

"NÃO FARIA OS MESMOS FILMES QUE FIZ SE TIVESSE NASCIDO RICO"

HIROKAZU KORE-EDA, cineasta japonês

"Quando estou encenando prefiro algo coreografado, assim não há margem para surpresas"

BELLA CAMERO, atriz



"Não quero salvar os povos indígenas, mas, sim, evitar a extinção da humanidade"

AILTON KRENAK, escritor

"O QUE AQUELE SOM TINHA DE TÃO ESPECIAL, ATÉ HOJE NÃO SEI"

PSY, compositor e produtor artístico sul-coreano, sobre a sua música *Gangnam Style*, primeira canção a atingir um bilhão de visualizações no YouTube



"SE O BRASIL CONSEGUIR REDUZIR O DESMATAMENTO NA AMAZÔNIA E NO CERRADO, SE TORNARÁ O PRIMEIRO PAÍS COM ELEVADAS EMISSÕES A CUMPRIR O ACORDO DE PARIS."

CARLOS NOBRE, climatologista

"A DERROTA ESTÁ DOENDO E VAI CONTINUAR DOENDO POR MUITO TEMPO"

NEYMAR, jogador de futebol, a respeito da desclassificação da seleção na Copa do Catar

"A ÚNICA SAÍDA PARA O PERU SERÁ A ANTECIPAÇÃO DAS ELEIÇÕES"

KARINA PACHECO, escritora e antropóloga peruana

Brasil Confidencial

Colaboraram: Marcos Strecker e Ana Viriato



PISANDO EM OVOS
Múcio assume a Defesa procurando manter boas relações com a cúpula militar, mas sem tolerar política nos quartéis

O vespeiro da Defesa

José Múcio Monteiro sabe que nos primeiros dias à frente do Ministério da Defesa não pode fazer nada que desagrade os militares, sobretudo quanto aos projetos que os fardados mais estimam. Não quer azedar as relações. Por isso, não vai mexer, por ora, nos programas das escolas com ensino militar – cujo andamento não é bem visto pelos petistas. E, apesar da falta de recursos, dará prosseguimento aos planos estratégicos das Três Forças, como o caça Grippen e o cargueiro KC-390, da FAB; o blindado Guarani, do Exército; e os submarinos nucleares, da Marinha. Outra questão delicada é como enfrentar o desproporcional número de oficiais no governo. Com Bolsonaro, 8 mil militares desfrutavam de regalias no governo e uma das missões de Múcio será a desmilitarização do poder.

Punições

O que mais preocupa Lula diz respeito à ordem nos quartéis. No governo Bolsonaro, os militares participavam de atos antidemocráticos e emitiam opiniões políticas nas redes, infringindo o código militar, sem que nenhuma punição lhes fosse imposta. Agora, haverá sanções a quem quiser fazer política usando a farda. Cada um no seu quadrado.

Comando

Múcio, contudo, é conhecido por sua habilidade política desde o tempo em que militava em partidos mais à centro-direita, e, principalmente, no período em que presidiu o TCU. Para evitar resistências ao seu nome, o novo ministro adotou o critério da antiguidade para escolher os novos comandantes das Forças Armadas, que devem ter a posse antecipada.

Negros em minoria

A diversidade deve deixar a desejar na Esplanada de Lula. A tendência é que negros ocupem somente quatro ministérios dos mais de 30 que funcionarão na próxima gestão. A escalação de Lula conta com Marina Silva, no Meio Ambiente; Silvio Almeida, nos Direitos Humanos; Nilma Lino Gomes, na Igualdade Racial; e Margareth Menezes, na Cultura. A cantora baiana foi escolha de Janja e teve o apoio de Caetano Veloso.



RÁPIDAS

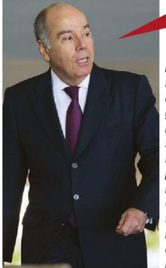
* Integrantes da transição até topam conversar com o procurador-geral da República, Augusto Aras, desde que a vice-procuradora Lindôra Araújo deixe o cargo. Ela é considerada bolsonarista e os petistas querem substituí-la já, enquanto Aras tem mandato até setembro.

*** O ex-deputado Daniel Silveira não conseguiu se eleger para o Senado pelo PTB do Rio, mas já arrumou uma boquinha para voltar ao Congresso. O senador Magno Malta (PL-ES) vai nomeá-lo como assessor em seu gabinete.**

* Recém-eleito senador, Renan Filho não deverá se sentar ao lado do pai, Renan Calheiros, no plenário do Senado. O jovem senador deve ser ministro das Minas e Energia de Lula, enquanto o velho Renan fica no Salão Azul.

*** Alexandre de Moraes deu uma trégua aos seus detratores na Câmara e desbloqueou as contas nas redes sociais de vários deputados bolsonaristas, como Major Vitor Hugo, Gustavo Gayer e Nicolas Ferreira, todos do PL.**

RETRATO FALADO



"Precisamos trazer o Brasil de volta ao cenário internacional"

***Mauro Vieira**, novo ministro das Relações Exteriores, disse ao "Estadão" que o primeiro passo do novo governo será reinserir o Brasil no centro das decisões mundiais. Segundo ele, durante o governo Bolsonaro o País perdeu o seu protagonismo no mundo. Embaixador na Croácia, ele é ligado ao ex-chanceler Celso Amorim, amigo de Lula, e deverá ter Maria Laura da Rocha, embaixadora na Romênia, como secretária-geral do Itamaraty. Negra, será a primeira mulher no posto.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

IZALCI LUCAS, LÍDER DO PSDB NO SENADO

O extremismo promoveu episódios de terror em Brasília. As autoridades foram coniventes?

Faltou prevenção, porque todos sabiam que a data de diplomação seria sensível. Agora, é preciso investigar quem promoveu a arruaça. Eram bolsonaristas? Os culpados precisam ser presos.

Há espaço para o PSDB retomar o protagonismo na oposição a Lula?

O caminho está aberto. O eleitor precisa de alternativa. Seremos o que faltou nos últimos anos: uma oposição responsável.

O que acha da possibilidade de votar o Orçamento apenas em 2023?

Há tempo hábil para submeter ao plenário antes do recesso. O Orçamento sempre é votado quase que de forma simbólica e precisamos iniciar o próximo ano focados numa âncora fiscal.

Time de Haddad

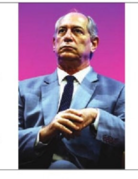
É consenso no mercado que Haddad só terá sucesso na Fazenda se ele se cercar de uma equipe econômica competente e, sobretudo, se estiver alinhado com um ministro do Planejamento de maior relevância. O ideal era Persio Arida, mas ele se recusou a largar a iniciativa privada, onde é muito bem-sucedido, para voltar ao governo. O próprio novo ministro já está consciente da importância dessa simbiose e passou os últimos dias na montagem do seu time de secretários. Na terça-feira, 13, escolheu Gabriel Galípolo como secretário-executivo. Outros economistas de SP estão cotados, como Guilherme Mello e Marcos Cruz, que foi seu secretário de Finanças na prefeitura paulistana.

Reforma Tributária

Como tornou-se impositiva a necessidade de o governo Lula formatar, até agosto, um novo arcabouço fiscal para substituir o finado teto de gastos, Haddad vai ter que correr contra o tempo. Quer tocar a Reforma Tributária paralelamente ao novo regime fiscal e para isso levará Bernard Appy para Brasília.

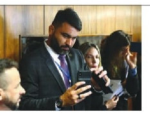
O silêncio de Ciro

Ciro Gomes entrou mudo e saiu calado da reunião de 6 de dezembro em que o PDT fechou questão sobre a reeleição de Arthur Lira ao comando da Câmara. Ciro somente acenou com o apoio silencioso, embora, na campanha, tenha chamado o deputado de "bandido". De camiseta e boné, o pedetista, que está nos EUA, participou do encontro de forma virtual.



Feridas abertas

Antes de viajar, Ciro recebeu Carlos Lupi no Ceará. O presidente do PDT foi ao estado para apaziguar a briga dos irmãos Gomes — os dois estão rompidos desde quando Cid embarcou na candidatura de Elmano Férrer ao governo local, escanteando Roberto Cláudio, escolhido de Ciro. Não deu certo. Lupi contou a aliados que as feridas seguem abertas.



A boquinha de Léo Índio

Leonardo Rodrigues de Jesus, o Léo Índio, deve ganhar novo emprego público no Senado. Primo dos filhos de Bolsonaro, já passou pelos escritórios de Chico Rodrigues, flagrado com dinheiro na cueca, e da liderança do partido no Salão Azul, embora nunca fosse visto trabalhando. Léo afastou-se do cargo em julho para concorrer a deputado distrital no DF, mas saiu derrotado.

FOTOS: DIDA SAMPAIO/ESTADÃO CONTEÚDO; LU VALIATTI/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL; JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO; ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

Coluna do Mazzini

MEIO BILHÃO EM CUSTOS

Os deputados federais gastaram estupendos meio bilhão de reais – ou, precisamente, R$ 549.286.137,90 com a verba de gabinete, de janeiro a outubro, levantou a Coluna com informações da Casa. Para novembro e dezembro ainda há R$ 102.452.605,34 disponíveis. Junho registrou os maiores custos, com R$ 55.180.666,18. Em contrapartida, em abril usaram menos recursos (R$ 54.583.335,72). Apenas com verba indenizatória para atividades, os deputados movimentaram R$ 170.418.214,85. E gostam de aparecer nas mídias dos redutos eleitorais. A maior despesa foi com publicidade e divulgação dos mandatos: nada menos que R$ 38.099.432,12 (22,36% do orçamento). Outros R$ 30.532.278,36 (17,92%) foram destinados às passagens aéreas; R$ 24.813.819,81 (14,56%) para aluguel de veículos; R$ 22.314.924,51 (13,09%) para manutenção de escritório; R$ 18.342.711,00 (10,76%) para consultoria e pesquisas. Cada deputado tem o salário bruto de R$ 33.763,00 e mais R$ 111.675,59, por mês, para custear até 25 funcionários.

Vossas excelências investiram R$ 38 milhões em publicidade, e ainda têm no caixa R$ 102 milhões para cobrir custos das atividades parlamentares

Cai morte por armas entre jovens

O número de homicídio de jovens de 15 a 29 anos por armas de fogo no Brasil apresentou queda nos últimos seis anos. Segundo dados do Ministério da Saúde, pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), o pico nesta faixa etária ocorreu em 2017, com 28.300 óbitos, sendo 27.008 homens e 1.292 mulheres. Esse padrão se repetiu de 2018 a 2022, com mais mortes entre jovens do sexo masculino. Em 2018 foram 24.156 casos (23.020 homens e 1.136 mulheres). Em 2021, 16.472 masculinas e 810 femininas. Apesar de dados preliminares de 2022, observa-se o mesmo cenário: Até o momento, o SIM registrou 9.971 casos – 9.476 homens e 495 mulheres.



O linha-dura do MDB

Homem forte de Michel Temer dentro do MDB, o ex-ministro Carlos Marun defende internamente que sejam levados ao Conselho de Ética do partido filiados e parlamentares que apoiam os bolsonaristas a favor da intervenção militar. “Defender intervenção militar é passar dos limites. O partido nasceu da luta contra uma intervenção dessas”, argumenta.

Setor de seguros aposta em alta em 2023



O mercado de seguros está mais... seguro quanto ao cenário sócio-econômico vindouro, e prevê forte crescimento. Quem aposta é o presidente da Confederação das Seguradoras, Dyogo Oliveira. O ex-presidente do BNDES indica que em 2023 haverá recuperação do investimento, “no crescimento da economia mais estável do que tivemos nos últimos 10 anos”. Lembra que esse mercado é correlacionado com a atividade econômica. “Apesar das turbulências, o setor vem crescendo um pouco acima do PIB, a nível sustentável de 2,5% ou 3% ao ano, e isso será muito favorável se vier acompanhado de maior redistribuição de renda”.

FOTOS: BETO BARATA/PR; ESTADÃO CONTEÚDO/AE; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

por Leandro Mazzini 

Colaboraram: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo



Um Novato na administração do PT

O Governo de Jair Bolsonaro nem acabou, mas o presidente do Inmet, Miguel Novato, já está ativo em busca de cargo e influência junto ao PT. Novato foi nomeado para o GT da agricultura, com foco em influenciar as questões ligadas aos biocombustíveis, já que é um dos autores do programa RenovaBio e tem forte ligação com o setor de etanol. O atual presidente do Inmet quer avançar na pauta de interesse dos usineiros, mas tem um entrave: Jean Paul Prates, coordenador do GT de Minas e Energia. A despeito da conclusão dos trabalhos no CCBB, os dois podem se estranhar em breve na Esplanada.

PSC e Podemos avançam na fusão

O desespero diante do fim dos fundos eleitoral e partidário, com o resultado pífio das eleições, acelerou tratativas de fusões de partidos. O PSC e o Podemos entraram nessa fila para apresentar a minuta ao TSE. Dirigentes finalizam estatuto de nova legenda. O número de urna será o 20.

A ciumeira é grande

O PDT está incomodado com o espaço que o PSB terá no Governo de Lula. Ele avisou a Carlos Lupi, chefão do PDT, que a legenda terá uma pasta — fatura do silêncio de Ciro Gomes no 2º turno. Já os socialistas sonham com três ministérios. Para o PSB, Flávio Dino na Justiça é da cota de Lula. Faltam Márcio França e Paulo Câmara na lista.

Sogro está garantido

Para quê um genro ministro das Comunicações? Para essas horas: Fábio Farias assinou e o presidente Jair Bolsonaro endossou em decreto a renovação de concessões de três retransmissoras do SBT: Televisão Sorocaba, TV SBT Canal 11 do Rio de Janeiro e Sistema Araçá (com concessão de 15 anos em data retroativa a janeiro de 2021).

NOS BASTIDORES

A esposa do general

Um atento observador encontrou a esposa do general Villas-Bôas, ex-comandante do Exército, acampada em meio aos bolsonaristas em frente ao Quartel General em Brasília.

Vem mais uma da Janja

A cantora Margareth Menezes, indicada para ministra da Cultura, é mais um nome da cota de... Janja Silva. O que a artista entende de gestão pública é um mistério. Petistas continuam a torcer o nariz.

Josué vai com Lula?

Josué Gomes está ministro na lista – será Planejamento ou Indústria & Comércio. Esse mês ou no 1º semestre. Assim, deixará a Fiesp. A articulação foi com Aloizio Mercadante na pré-campanha. Josué seria o vice na chapa se Alckmin declinasse.

Direto do alambique

O ex-ministro José Múcio Monteiro aceitou o convite para comandar a Defesa pela amizade com Lula. Ele curtia sua fazenda no interior de Pernambuco, onde tem alambique da cachaça Dona Chica, seu xodó.

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

COPA DO MUNDO

Antes de a bola rolar, essa linda mulher levou uma "bolada"

Havia mais mistérios entre o Qatar e a Copa do Mundo do que podia imaginar a União Europeia. Por que nas tantas ocasiões em que o governo do mais rico país árabe viu-se acusado de desrespeitar os direitos humanos, a eurodeputada grega Eva Kaili, uma das vice-presidentes do Parlamento Europeu, correu à tribuna a fazer caudalosos discursos em defesa dos líderes catarenses? Fim do mistério. Eva foi presa sob a acusação de **aceitar propinas advindas do Qatar para mitigar as acusações que pesam contra o país** – trabalho escravo e desaparecimento de corpos de operários que morreram na construção da infraestrutura da Copa. Juntamente com ela foram presos o seu marido, Francesco Giorgi, e diversos assessores. **Na casa de Eva a polícia belga encontrou 750 mil euros.** Mais dinheiro engordava a mala carregada por seu pai quando foi detido. Na quarta-feira 14, o Partido Socialista Pan-Helênico confirmou a sua expulsão, e seus bens estão congelados pelo governo grego. **Esse é o maior caso de corrupção a abalar o pretígio e a história do Parlamento Europeu.**



O CASAL Francesco e Eva: chefes de organização criminosa, envolvendo assessores e familiares



> **"As acusações contra Eva são extremamente graves. É uma questão de confiança das pessoas em nossas instituições, e tal confiança pede os mais altos padrões de integridade"**
>
> **Úrsula Von der Leyen**, presidente da Comissão Europeia

LIVROS

Uma revolucionária tese na música popular brasileira

Compositor e rigoroso pesquisador da MPB, Nei Lopes (mais valorizado no exterior que no Brasil) expõe sua tese bastante original no excelente livro *Beth Carvalho: De pé no chão*, do escritor e roteirista Leonardo Bruno. Diz ele que a divisão rítmica do samba que gerou o pagode foi tão revolucionária como a bossa nova. **O nosso samba teria passado, assim, por dois momentos de transformação.** Primeiro: nos anos 1920, no Estácio, no Rio de Janeiro, quando o samba batucado alterou (sobretudo na extensão da nota) o samba de roda da Bahia. Segundo: o pagode, em Cacique de Ramos, também no Rio. Uma curiosidade: no terreiro do Cacique não havia toalete feminina e Beth Carvalho reclamou. Construíram e quiseram homenagear a cantora dando ao banheiro o nome de Beth Carvalho. Ela não quis. Mas projetou os compositores do tradicional bloco carioca.

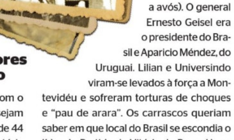
CACIQUE DE RAMOS Beth Carvalho: ritmo sim, toalete em seu nome não



PESQUISADOR Nei Lopes: pagode feito bossa nova

FOTOS: EUROKINISSI/AFP; JOHN THYS/AFP; ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO; FELIPE VARANDA/FOLHAPRESS



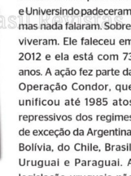


SUEQUESTRO Universindo e Lilian: tortura

OPERAÇÃO CONDOR

Presos os sequestradores de Lilian e Universindo

Os covardes e criminosos contam com o passar do tempo para que seus atos sejam esquecidos. Relata-se aqui um caso de 44 anos atrás. Página virada? Não. A história se presentificou para fazer justiça contra dois torturadores do regime militar do Uruguai que aqui pisaram e sujaram nosso chão. Na semana passada confirmaram-se naquele país as prisões dos hoje coronéis Carlos Argimon e Glauzo de Leon. Em 1978, com a ajuda de agentes da repressão brasileira (dentre eles, o ex-jogador de futebol do Internacional Didi Pedalada), ambos ingressaram em Porto Alegre e sequestraram o casal Lilian Celiberti e Universindo Díaz, juntamente com os dois filhinhos, à época com sete e três anos de idade (as crianças levaram tapas e acabaram entregues a avós). O general Ernesto Geisel era o presidente do Brasil e Aparicio Méndez, do Uruguai. Lilian e Universindo viram-se levados à força a Montevidéu e sofreram torturas de choques e "pau de arara". Os carrascos queriam saber em que local do Brasil se escondia o líder do Partido da Vitória do Povo, Hugo Cores, oposicionista da ditadura em seu país. Lilian e Universindo padeceram, mas nada falaram. Sobreviveram. Ele faleceu em 2012 e ela está com 73 anos. A ação fez parte da Operação Condor, que unificou até 1985 atos repressivos dos regimes de exceção da Argentina, Bolívia, do Chile, Brasil, Uruguai e Paraguai. A legislação uruguaia não anistiou torturadores, ao contrário da brasileira. Aqui, a Lei da Anistia, pelo princípio jurídico da conexidade, anistiou os dois lados. O STF já pacificou a questão.



QUEDA Didi Pedalada: do futebol aos porões da repressão

Parceiros na morte

40 mil *é o número estimado de guerrilheiros mortos pela Operação Condor - nome que designava a colaboração entre as ditaduras militares da Argentina, Bolívia, do Brasil, Chile, Uruguai e Paraguai para eliminar aqueles que se opunham aos regimes totalitários nesses países.* ***Somente na Argentina foram assassinadas cerca de 30 mil pessoas****. A operação funcionou entre 1975 e 1985*

FOTOS: DANIEL DE ANDRADE; ISTOCKPHOTO; REPRODUÇÃO



FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Ana Viriato (Brasília), Felipe Machado e Thales de Menezes
REPORTAGEM: Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz, Taísa Szabatura e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Leticia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Diretora de Marketing e Projetos:** Isabel Povineli **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 **– CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação ·
Tel.: (19) 98238-8808 **– FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 **– INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda ·
Tel.: 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br



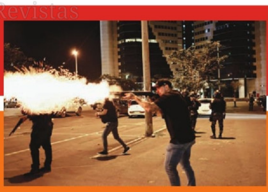
CENAS DE HORROR
Ônibus incendiado por apoiadores de Bolsonaro em Brasília na segunda-feira, 12. Cinco coletivos e três carros foram destruídos e prédios públicos e uma delegacia foram depredados. Ao lado, veículo em chamas em um posto que foi saqueado e policiais reprimindo os baderneiros

O risco de um Capitólio

Ministro **Alexandre de Moraes** reage ao **vandalismo em Brasília** determinando a maior operação da Polícia Federal até hoje contra os responsáveis por **atos antidemocráticos.** A intenção é **coibir a tentativa** de interferir na **posse de Lula**, no dia 1º

Marcos Strecker e Ana Viriato





A diplomação de Luiz Inácio Lula da Silva e de Geraldo Alckmin, na última segunda-feira, representou um marco no processo eleitoral mais conturbado dos últimos 40 anos e, por isso, teve um esquema de segurança inédito. O temor de incidentes na cerimônia felizmente não se confirmou, nem impediu que o TSE encerrasse com chave de ouro o processo eleitoral. Mas não impediu que os apoiadores de Jair Bolsonaro transformassem Brasília, no mesmo dia, em um campo de guerra. A explosão de violência que eclodiu na noite da diplomação confirma que o bolsonarismo permanece como uma ameaça concreta, e serve de alerta para a transmissão da faixa presidencial, que ocorrerá no dia 1º.

Radicais inconformados com o resultado das urnas ainda se concentram em acampamentos em frente a alguns quartéis pelo País, e foi de um deles que saíram os vândalos que assustaram a capital federal a três semanas da transmissão do poder. Eles transformaram a capital federal em um palco com cenas de horror. Avenidas que são cartões-postais da cidade foram tomadas por veículos em chamas e barricadas com boti-

FOTOS: CERRADOIMAGEM/FUTURA PRESS/FOLHAPRESS; ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOLHAPRESS; UESLEI MARCELINO/REUTERS/FOLHAPRESS



ARRUAÇA Extremistas que apoiam o presidente Bolsonaro são contidos por tropas da Polícia Militar no Distrito Federal, dia 12: nenhuma prisão foi efetuada

jões de gás e pedras. Brasilienses sofreram ameaças ao tentar deixar a cena de caos. Prédios públicos foram danificados. Cinco ônibus e três carros, incendiados. Um coletivo quase foi arremessado de um viaduto sobre uma das avenidas mais movimentadas da cidade. Uma caminhonete dos bombeiros, apedrejada. Uma delegacia, depredada. E a sede da Política Federal, quase invadida. O pretexto da arruaça foi a prisão, a pedido da PGR, de José Acácio Serere Xavante, um autointitulado cacique, já condenado por tráfico de drogas, que vinha insuflando manifestações antidemocráticas — o indígena acusou o ministro Alexandre de Moraes de atacar a democracia e declarou, sem qualquer conexão com a realidade, que Lula "roubou votos". "Não podemos admitir que ele suba a rampa e ocupe o cargo maior deste País", disse o agitador em um dos estridentes discursos.

O horror que se viu em Brasília é apenas mais uma etapa no processo de radicalização planejado por Bolsonaro logo que tomou posse. Desde 2019 ele estimulou manifestações tentando demonstrar fantasiosamente que teria o apoio dos militares para avançar sobre os outros Poderes. Após a pandemia, os alvos passaram a ser os governadores, prefeitos e os ministros do STF, atacados supostamente porque defendiam as medidas emergenciais na Saúde. Depois vieram as motociatas. O Sete de Setembro, nos últimos dois anos, deixou de ser uma data cívica para ser instrumentalizada em defesa da intervenção militar. Após a eleição, os extremistas passaram a solicitar aos militares que impeçam a posse do presidente eleito. E uma vertente já se posicionou em frente ao Palácio do Alvorada, acompanhando discursos oblíquos do presidente e recebendo o apoio explícito da primeira-dama, que mandou abastecer com lanches os amotinados.

Nem os mais céticos creem que extremistas escolheram ao vento a data da diplomação para promover uma baderna na capital. O sinal de alerta soou ainda mais alto em razão da atitude complacente da Polícia Militar do Distrito Federal. É dessa corporação que saiu o atual ministro da Justiça, Anderson Torres (ele vai voltar a chefiá-la em janeiro). O aliado do presidente agiu de forma tardia e a reboque dos acontecimentos. Ninguém foi preso. Após as ocorrências, a Secretaria de Segurança Pública do DF nem sequer tentou esconder a conivência. A pasta divulgou que a ação se concentrou apenas na dispersão dos manifestantes "para redução dos danos e para evitar uma escalada ainda maior dos ânimos". A calma dos policiais provocou surpresa na capital, posto que, no passado, até mesmo manifestações pacíficas de professores por reajustes salariais eram reprimidas com balas de borracha e prisões.



PROTEÇÃO Policiais Militares cercam o hotel em que Luiz Inácio Lula da Silva estava hospedado durante os tumultos em Brasília, na noite de segunda-feira



APOIO Bolsonaro diz a apoiadores no Alvorada, no dia 9, que "vivemos um momento crucial". Na segunda, 12, acolheu no Palácio o blogueiro Oswaldo Eustáquio *(ao lado)*

O ministro Alexandre de Moraes reagiu com energia aos últimos ataques. Incorporou as investigações sobre os acontecimentos no inquérito das milícias digitais e deu 48 horas para que o ministro da Justiça e o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, detalhassem todas as medidas adotadas contra o vandalismo. Na quinta-feira, determinou que a PF realizasse mais de 100 buscas em oito estados e no Distrito Federal. Foi a maior operação já realizada no País contra os atos antidemocráticos. Também ordenou a quebra de sigilo bancário de investigados e o bloqueio de contas de dezenas de empresários.

Diante da inação do governo federal, coube ao futuro ministro da Justiça, Flávio Dino, centralizar as informações e articular uma reação. Ou seja, o governo eleito precisou antecipar na prática



PIVÔ
José Acácio Serere Xavante foi preso a pedido da PGR

sua gestão diante de uma administração inoperante — ou cúmplice. Lula, por outro lado, assistiu atônito o desenrolar das cenas no Hotel Meliá, onde estava hospedado. A tensão fez a PM cercar o edifício para protegê-lo de uma eventual invasão. O presidente eleito acompanhou o caso pela tevê e era atualizado por Andrei Passos, delegado da Polícia Federal responsável pela sua segurança na transição e escolhido para a chefia da corporação no próximo governo. O petista não se estendeu em análises naquela noite e se recolheu às 22 horas. Um dia depois, porém, jogou, com razão, a crise no colo de Bolsonaro. "Ele segue o rito que todos os fascistas seguem no mundo. É importante a gente saber que eles fazem parte de uma organização de extrema direita que não existe só no Brasil", disparou, no Centro Cultural Banco do Brasil, no fim da tarde de terça-feira. "Esse cidadão, até agora, não reconheceu a sua derrota. Continua incentivando os ativistas fascistas que estão na rua se movimentando", emendou.

OMISSÃO

Lula não mencionou a omissão das autoridades, mas seus aliados falaram. O advogado Marco Aurélio de Carvalho, coordenador do grupo Prerrogativas e cotado para a Secretaria-Geral da Presidência, entende que o governo local "agiu mal, de forma tardia, acanhada e insuficiente". "Na Segurança Pública, você tem de estabelecer a política do exemplo. Se há uma manifestação que coloca em xeque e em risco a segurança e a ordem pública, ela tem de ser duramente repreendida para que não seja reproduzida adiante. Sem qualquer tipo de contenção ou punição, é quase como se o Estado sinalizasse ser tolerante com esse tipo de situação", disparou. "A posse sempre foi motivo de preocupação, porque há um mandatário no País que estimula a violência. Seria leviano dizer que não cresceu o receio."

FOTOS: ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

O atual presidente, que não tem falado para evitar piorar ainda mais sua situação com a Justiça, apoia veladamente essas manifestações. E não são necessárias provas contundentes. Ele sinalizou isso ao receber no Palácio do Alvorada o blogueiro Oswaldo Eustáquio, investigado nos inquéritos das milícias digitais e das fake news, o qual, segundo o seu advogado, teria buscado refugiar-se na residência oficial da Presidência porque temia ser preso. Três dias antes do vandalismo generalizado na capital federal, aliás, Bolsonaro havia quebrado o silêncio com um recado enigmático à militância a fim de mantê-la mobilizada. Repetiu ser "fácil impor uma ditadura no Brasil" e disse que "estamos vivendo um momento crucial, uma encruzilhada, um destino que o povo tem de tomar". Depois disso, mesmo aconselhado por aliados a condenar as depredações e orientar radicais a não repetirem a balbúrdia, deu de ombros. Sinalizou que, caso se manifeste, atestará que os protagonistas do caos eram "infiltrados". Trata-se de uma impostura típica de Bolsonaro, que sempre difundiu mentiras e teorias da conspiração e age em linha com movimentos extremistas que buscam criar o caos. Faz parte desse arsenal a técnica de apontar "infiltrados" de esquerda.



GOLPISMO Itens à venda no acampamento diante do QG do Exército, em SP

DESFAÇATEZ

Foi o que fez Ciro Nogueira, homem forte do governo. O ministro da Casa Civil foi às redes disseminar essa versão furada. "Eles têm cara de black blocs, que não existiram durante todo o governo Bolsonaro. Será coincidência ou a volta deles?", publicou. O clã presidencial reforçou a desfaçatez. "A esquerda, junto com a imprensa, quer dizer que bolsonaristas saíram dos quartéis e foram tocar fogo nas ruas. Mas quem tem experiência em tocar fogo nas ruas e bloquear as estradas é a esquerda", emendou Eduardo Bolsonaro, o 03, esquecendo-se dos caminhoneiros que fecharam avenidas após as eleições, num ato pró- golpe.





CONTRASTE Enquanto o futuro ministro da Justiça, Flávio Dino (no alto), assumia as articulações para condenar os atentatos em Brasília, o atual titular da pasta, Anderson Torres, permaneceu mudo

A advogada Helena Regina Lobo da Costa diz que os extremistas cometeram uma série de crimes previstos no Código Penal e afirma que "não existe motivo para que as prisões não tenham ocorrido em situação de flagrância". "No mínimo, no incêndio e depredação de carros, vimos o crime de dano, configurado quando o cidadão destrói ou danifica bens de outro de forma intencional. Há ainda o crime de incêndio, porque, quando se coloca fogo em alguma coisa, ele pode causar perigo à integridade física, à vida e ao patrimônio de outras pessoas. Especificamente com relação aos ônibus que foram queimados, se havia passageiros e motoristas e ocorreu ordem, de forma violenta ou usando ameaça, para que deixassem o automóvel, temos crime de constrangimento ilegal, e crime contra patrimônio público", detalha a professora de Direito Penal da USP. "É o momento de esclarecer, com evidências, o que une todos os que estavam lá, se os crimes foram cometidos em uma tentativa de impedir a posse do presidente eleito, o que eles planejam, como são financiados", emenda.

FOTOS: GABRIEL REIS; FÁTIMA MEIRA/FUTURA PRESS; REPRODUÇÃO

EXTREMISTAS AGRIDEM EM SÃO PAULO

Bolsonaristas acampados em frente ao QG do Comando Militar do Sudeste atacam jornalistas no exercício da função

Não é apenas em Brasília que os apoiadores do presidente agem com selvageria. Em São Paulo, a repórter Gabriela Rölke e um repórter fotógrafico da ISTOÉ foram cercados e agredidos na quarta-feira, 14, no acampamento em frente ao QG do Comando Militar do Sudeste. Receberam "ordens" para deixar o local, uma via pública, aos gritos e xingamentos. Um homem empurrou com o antebraço as costas do fotógrafo, enquanto outro tentava arrancar a câmera de suas mãos. Os jornalistas procuraram a base da PM a poucos metros, seguidos pelos manifestantes. Continuaram as intimidações, com violência crescente, até o arremesso de urina armazenada em galões pelos bolsonaristas, que também arrancaram o bloco de anotações da jornalista. Foi registrado BO na Polícia Civil, sob a qualificação de "injúria, vias de fato e constrangimento ilegal". A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) repudiou o ataque, com a presidente Katia Brembatti destacando que aumenta o número de casos como esse. "Cobramos providências. A impunidade alimenta a violência", disse.

Enquanto a investigação anda, políticos buscam alternativas para desmobilizar os bolsonaristas em Brasília e evitar a repetição do caos. O deputado distrital Fábio Félix, do PSOL, considera imprescindível o desmonte do acampamento de manifestantes que pedem uma intervenção militar em frente ao Quartel-General do Exército. A própria Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal já reconheceu que parte dos homens que depredaram prédios públicos e incendiaram automóveis dormem e acordam na ocupação do setor militar, conforme indicam filmagens de segurança e de trânsito. "É uma tragédia anunciada", declara. "Sabemos que houve uma desidratação do número de pessoas no local desde o início do movimento, mas as últimas investidas demonstram que quem permaneceu são os mais extremistas, os mais radicalizados. Trata-se de um grupo altamente financiado, sempre com apoio de caminhões, alimentos e utensílios", pontua.

A dúvida agora é se a baderna pode se reproduzir no dia 1º, transformando-se de fato na versão tupiniquim da invasão do Capitólio americano, em 6 de janeiro de 2020, quando extremistas estimulados por Donald Trump invadiram o prédio do Congresso americano e provocaram cinco mortes. Apesar da inquietação, o planejamento para a posse em Brasília não mudou. Ele inclui a proteção de prédios-chave, como o STF, e de Lula. Na Corte, diz-se que, desde o princípio, houve a previsão de um esquema de segurança máxima para a cerimônia, o que envolve a convocação do efetivo completo de agentes da Polícia Judicial e o reforço dos quadros a partir da cessão de profissionais por tribunais superiores ao Supremo, o posicionamento de viaturas e oficiais da tropa de Choque da Polícia Militar em frente à sede, o uso de barreira antidrone, com sensores que detectam o equipamento, e a ampliação do número de seguranças ao lado de ministros.

POSSE

Seguem na mesma linha aliados de Lula envolvidos na organização da posse. Eles apontam que o evento contará com snipers, um efetivo de policiais robusto e seguranças de lideranças mundiais. "Em nenhum momento Lula teve sua integridade física ameaçada. Temos de valorizar isso", afirmou Flávio Dino. "Vamos fazer a maior posse presidencial do Brasil em 1º de janeiro de 2023, com música, cultura e arte. Não há o que temer."

Na contramão do discurso, porém, brasilienses que cogitaram ir à posse já reveem os planos. É o caso da auxiliar administrativa Nathália Sousa, de 24 anos, que presenciou a barbárie de segunda-feira ao sair do trabalho, na Asa Norte, para voltar para casa. "Eu nunca vi uma posse de forma presencial e, como eleitora do Lula, estava pensando em ir com meu filho de 5 anos. Mas agora a gente fica com receio. Nas eleições, vimos que não se podia sair de vermelho pelo risco de agressão. Agora, isso", lamenta. Não há maior prova da corrosão da democracia. ■



NOS EUA Invasão do Congresso americano, em 2020, deixou cinco mortos



HARMONIA DOS

Diplomação de Lula ganha contornos históricos pela representação da resistência da democracia e da reconstrução da paz entre Planalto, Judiciário e Legislativo: Moraes aproveita cerimônia para lembrar que extremistas serão punidos *Ana Viriato*

Mil e oito dias separaram o primeiro ataque de Jair Bolsonaro às urnas eletrônicas e à diplomação de Lula como presidente eleito. Ao longo deste período, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) manteve-se altivo diante de uma infinidade de investidas do capitão: da ameaça de cancelamento da corrida pelo Planalto à contestação do resultado, passando por repetidos xingamentos a ministros. Em meio à turbulência, os quatro magistrados que ascenderam ao comando da Corte atuaram como verdadeiros bastiões da democracia. Rosa Weber foi a primeira a lidar com a histeria bolsonarista, ainda em março de 2020, e, em uma rara declaração à imprensa, atestou o óbvio: "a Justiça não compactua com fraudes". Luís Roberto Barroso implementou um pacote de medidas para ampliar a confiabilidade do sistema eleitoral e colocou sob holofotes os riscos do voto impresso. Edson Fachin riscou o chão na frente de militares que buscaram tumultuar as eleições. E Alexandre de Moraes mostrou-se incansável na luta pelo desmantelamento de milícias digitais empenhadas na difusão de fake news e de esquemas de financiamento de atos golpistas.

Foram tempos árduos — e não apenas para o TSE. Um dos alvos preferidos do "gabinete do ódio", o Supremo Tribunal Federal resistiu a diversos torpedos de extremistas que, insuflados por Bolsonaro, reivindicaram o fechamento inconstitucional da Corte e ameaçaram a vida de ministros e familiares. Não à toa, com 280 convidados, a cerimônia de diplomação de Lula e Alckmin, evento de praxe que reconhece a vitória da chapa e marca o fim do processo eleitoral, ganhou novos contornos, desenhados pelo simbolismo. Se, em anos anteriores, a solenidade era protocolar, em 2022 provou que a democracia brasileira está solidificada. Serviu, ainda, como prenúncio da retomada da harmonia entre Planalto, Judiciário e Legislativo. E, por fim, indicou que a busca pela pacificação do País, ainda dividido pela polarização política, não pode passar pela anistia a Bolsonaro e integrantes de sua claque golpista, investigados por crimes contra o Estado Democrático de Direito.

Os recados foram ditos em alto e bom som e estampados em uma série de gestos. Com papel-chave na garantia de eleições limpas e livres, Moraes teve um destaque inusual a um presidente do TSE na cerimônia. Ao ser anunciado à tribuna, o ministro observou a plateia aplaudi-lo de pé por 50 segundos ininterruptos.

FOTO: CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO



PACIFICAÇÃO Lula e Alckmin entre Moraes e Aras: todos os Poderes juntos na diplomação do novo presidente e seu vice

PODERES

Depois, discursou por 14 minutos e 27 segundos, em um tom mais duro do que o adotado na própria posse, segundo avaliam colegas de tribunal e aliados de Lula. É que, enquanto em agosto, Moraes prometeu que a Justiça seria "célere, firme e implacável" no combate às fake news, desta vez deu um passo à frente, sublinhou que a estabilidade democrática depende da "integral responsabilização de todos aqueles que pretendiam subverter a ordem política, criando um regime de exceção", e assegurou que os grupos radicais serão penalizados para que ataques antidemocráticos, a desinformação e o discurso de ódio não se repitam nas próximas eleições.

Lula foi o segundo a usar o microfone e chegou a chorar, como em 2002, frisando que o terceiro diploma era, em parte, "de uma parcela significativa do povo, que reconquistou o direito de viver em democracia". Para magistrados e aliados, o petista acertou o tom ao pontuar que a corrida presidencial ficou marcada pela disputa de "duas visões de mundo", dizer que vai agir para garantir a normalidade institucional depois do fim do governo Bolsonaro e afirmar que "a frente ampla", formada por partidos de centro que ajudaram a elegê-lo, terá voz ativa. O último ponto agradou os meios político e jurídico, em especial, porque indica que o trânsito com a gestão eleita passará por lideranças de diferentes espectros políticos. É que uma ala do PT ainda resiste — e muito — ao diálogo em razão do impeachment de Dilma Rousseff e da prisão de Lula. O trato com esse setor, portanto, costuma ser difícil.

O retrato da diplomação ainda serviu para mostrar arestas que podem ser aparadas. Indicados por Bolsonaro ao STF, Kassio Marques e André Mendonça não compareceram à cerimônia. Petistas dizem crer que os dois se ausentaram em uma deferência ao capitão e apostam na presença deles na cerimônia de posse — os convites ainda estão pendentes de envio. Em outra ponta, há quem defenda que Lula reconstrua pontes com Michel Temer, que não prestigiou a solenidade. Aliados do emedebista alegam que ele não embarcou rumo a Brasília porque tinha, no Rio, o próprio evento de posse na Academia de Letras Luso-Libanesa. Para alguns nomes próximos do petista, porém, pesaram para o vazio do assento os ataques dele ao ex-presidente, a quem se referiu como "golpista" na campanha. É a prova de que alguns trechos do caminho para a pacificação tendem a ser duros. ■

"Os grupos radicais serão penalizados para que ataques antidemocráticos e o discurso de ódio não se repitam nas próximas eleições"
Alexandre de Moraes, presidente do TSE

UMA COSTURA DELICADA

Lula já anunciou os ministros para setores vitais como a Economia e a Defesa, mas enfrenta dificuldades para administrar o apetite do PT e de aliados na Esplanada. A escalação completa do governo pode ficar para depois do Natal *Ana Viriato*

Lula elegeu-se ao Planalto com o maior número de partidos desde a redemocratização. Mas, de tão ampla, a coalizão colocou o petista em um imbróglio para resolver o quebra-cabeça da Esplanada. A duas semanas da posse, o presidente eleito ainda tenta administrar o voraz apetite do próprio partido, a disputa entre aliados por espaço e a cobrança do pedágio pelo Centrão. Para acomodar fiéis escudeiros e apadrinhados, Lula planeja fatiar ministérios e segurar anúncios para garantir margem de negociação e a fidelidade de alguns na votação da PEC da Transição. Em razão da delicadeza da articulação, a divulgação da escalação completa da próxima gestão pode sair somente na última semana do ano, dizem nomes da cozinha do PT (a única nomeação para o primeiro escalão que vazou nos últimos dias foi o da futura ministra da Cultura, a cantora Margareth Menezes).

O mistério em torno do futuro de Izolda Cela e Simone Tebet talvez seja a melhor ilustração da sinuca de bico em que Lula se meteu. A ex-governadora do Ceará corre o risco de perder a indicação ao Ministério da Educação, antes dada como certa, para Camilo Santana por causa da exigência do PT pelo controle do órgão. No caso de Tebet, a situação é ainda mais delicada. O presidente eleito a reconhece como peça-chave para a vitória sobre Jair Bolsonaro e quer agraciá-la com um espaço de destaque no alto escalão. As dificuldades para atendê-la com o assento que ela deseja, porém, estão às claras. Em um tête-à-tête durante a semana, Gleisi Hoffmann falou



Aloízio Mercadante
Presidência do BNDES

abertamente a Baleia Rossi o que não é segredo para ninguém: o PT se nega a entregar a Tebet o Ministério do Desenvolvimento Social, que administra o Bolsa Família, principal vitrine eleitoral da legenda. Alguns emedebistas minimizam os percalços e recorrem à história para apontar que apenas Lula decide e fala por si: pontuam que, em 2002, o petista desfez um acordo costurado por José Dirceu com a garantia de dois ministérios ao MDB.

Em meio à articulação, uma série de possibilidades passaram a ser aventadas nos bastidores. Expoentes do mercado procuraram Tebet para incentivá-la a aceitar a Agricultura, uma vez que a senadora transita bem no setor e tem o Mato Grosso do Sul como berço político. O Meio Ambiente também foi colocado à mesa, mas a própria parlamentar já declarou a aliados entender que o posto pertence a Marina Silva e não ter interesse em "atropelar" a colega. De qualquer forma, na cúpula do MDB diz-se que a chance de Tebet ficar de fora do governo é próxima de zero. Mesmo porque a ausência dela na fotografia da equipe ministerial representaria um desgaste para Lula, posto que Tebet saiu da corrida eleitoral como "o nome do centro".

Além de Tebet, que Baleia Rossi defende como escolhida para a cota "institucional" do partido, o MDB pleiteia outras duas pastas, para atender as bancadas da Câmara e do Senado. A cobiça mira ministérios capazes de ampliar a capilaridade eleitoral do partido a partir da entrega de obras. Não à toa, a sigla mira uma das fatias do Ministério do Desenvolvimento Regional, que será dividido em Integração Nacional e Cidades, e o Ministério de Minas e Energia. Um nome dado como certo para um dos cargos é o de Renan Filho, primogênito de Renan Calheiros.

Há, porém, um problema na conta: as pretensões do MDB esbarram nos desejos do União Brasil, que negocia os mesmos ministérios. Líder do partido na Câmara e aliado de primeira hora de Arthur Lira, Elmar Nascimento é um dos principais nomes aventados para representar a sigla. Gleisi Hoffmann tem dito a aliados que o PT não aceitará o nome do deputado, mas aliados de Lula não se arriscam a palpitar a decisão dele, caso a legenda de Luciano Bivar e Lira dobrem a aposta. O ex-presidente do Senado Davi Alcolumbre também está no páreo. O Ministério de Cidades está na mira, ainda, de Márcio França (PSB) e Guilherme Boulos (PSOL), embora as chances desses sejam menores.

Fernando Haddad
Ministério da Fazenda

José Múcio
Ministério da Defesa

Rui Costa
Casa Civil

Para criar espaço na área central de Brasília, a equipe de Lula ainda cogita a divisão do Ministério da Infraestrutura, que tem o senador pessedista Alexandre Silveira como principal cotado. Uma ala cuidaria da administração de rodovias e ferrovias, enquanto outra assumiria a gestão de portos, aeroportos e hidrovias. O "esvaziamento", frise-se, não agrada o PSD, embora o partido cobice, ainda, a Agricultura, onde quer emplacar Carlos Fávaro, e o Turismo, que tende a ficar nas mãos do deputado fluminense Pedro Paulo, aliado de Eduardo Paes.

Com a confusão, Lula sentiu-se confortável somente para anunciar nomes de sua cota pessoal para a Esplanada, os quais tocam missões duras e inadiáveis, sinalizando os pilares do futuro governo. O presidente eleito sabia, por exemplo, que a indicação de Fernando Haddad à Fazenda já estava precificada pelo mercado. Como ele próprio pontuou, a partir da formalização, o petista teria autonomia e espaço para montar a própria equipe, arrefecendo resistências. Foi o que Haddad fez. Na primeira semana como ministro-anunciado, escolheu dois nomes do agrado do meio financeiro para a pasta: Gabriel Galípolo ficou na secretaria-executiva e Bernard Appy, principal referência em reforma tributária no País, na secretaria que cuidará do tema. As boas escolhas, contudo, acabaram ofuscadas por um movimento do próprio presidente eleito: a problemática designação de Aloizio Mercadante para a chefia do BNDES, que só foi possível após uma mudança às pressas na Lei das Estatais, estabelecida no governo Temer para impedir o loteamento político de estatais. Ela foi modificada na Câmara por desejo do Centrão, mas com o apoio do PT e dos bolsonaristas. Também soa estranha a indicação de Mercadante antes da nomeação do futuro ministro da Indústria e Comércio, a quem será formalmente subordinado. Essa vaga está reservada ao empresário Josué Gomes, presidente da Fiesp, que já teria recebido o convite de Lula. Além disso, Lula escolheu o ex-governador baiano Rui Costa para chefiar a estratégica Casa Civil e alçou José Múcio à Defesa, confirmando o critério de antiguidade para a nomeação dos comandantes das Forças Armadas. As escolhas na área militar ocorreram em deferência às Forças, um gesto de pacificação no momento em que o movimento de extremistas acampados em frente a quartéis se torna mais violento. Múcio tem a missão de garantir uma transição "serena" e livre de "insubordinações" entre fardados. O trabalho será árduo até 1º de janeiro. ■

FOTOS: UESLEI MARCELINO/REUTERS/FOLHAPRESS; TON MOLINA

O fim do isolamento

A política externa do próximo governo prevê a restauração da imagem do País no cenário internacional após o triste legado deixado por Bolsonaro, estreito diálogo com países do Mercosul e fortalecimento da agenda ambiental

Taísa Szabatura

Uma das conquistas mais marcantes dos dois primeiros mandatos do governo Lula, entre 2003 e 2010, foi o protagonismo do Brasil nas mesas de discussão mundo afora e a inserção do País em um cenário de otimismo com a globalização junto ao crescimento chinês. As condições geopolíticas do próximo ano, contudo, não poderiam ser outras e pouco lembram a chamada "era de ouro" da diplomacia petista então comandada pelo chanceler Celso Amorim. O terceiro mandato de Lula terá dois eixos principais no campo internacional: aproximação com os países da América Latina e fortalecimento da agenda ambiental. E vai além: Mauro Vieira, o ministro escolhido para comandar o Itamaraty a partir de 2023, quer fortalecer e restaurar a relação brasileira com os Estados Unidos e a China, os dois gigantes mundiais.

"Hoje nós estamos dizendo ao mundo que o Brasil está de volta. Que o Brasil é grande demais para ser relegado a esse triste papel de pária do mundo", disse Lula em seu discurso após a confirmação do resultado da votação pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A fala, já evidenciada pelo futuro mandatário em outras ocasiões é importante, já que tem como objetivo enterrar de vez o legado dos dois primeiros anos do governo Bolsonaro, comandado pelo chanceler Ernesto Araújo, que tripudiou o maior parceiro comercial do Brasil, a China, e declarou alinhamento total aos EUA de Trump, sem que isso trouxesse ganhos reais para o Brasil.

Para Rubens Barbosa, presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior (Irice) e ex-embaixador em Londres e em Washington, a aproximação com os países da América do Sul



AMAZÔNIA
A questão ambiental é um tema que Lula e as lideranças indígenas voltarão a debater: como obter recursos para manter a floresta em pé

FOTOS: RICARDO STUCKERT; REPRODUÇÃO



é natural. "O Mercosul está uma bagunça pela ausência de liderança brasileira. Não pode o Brasil e a Argentina ficarem quatro anos sem conversar, isso é um absurdo, mas algo que será superado com o diálogo", explica Barbosa. "A questão ambiental é um tema global que afeta a todos e o Brasil sempre teve uma participação importante na discussão e recolocar o País como protagonista, inclusive para receber recursos externos, como o fundo amazônico é certamente uma prioridade", diz.

A preocupação com a Amazônia, vale ressaltar, é também econômica. Em um cenário em que a União Européia está aprovando medidas restritivas a produtos agrícolas do Mercosul, dentro da legislação de desmate de florestas e de descarbonização de empresas europeias (Mecanismo de Ajuste da Fronteira de Carbono, ou CBAM, na sigla em inglês), firmar o esperado acordo Mercosul-UE deve trazer ganhos relevantes aos países do bloco. A ratificação do documento junto ao Parlamento Europeu, entretanto, pode demorar a sair, caso Argentina e Brasil queiram realmente reabrir a discussão e rever cláusulas comerciais e ambientais previamente discutidas. "Será difícil nesse cenário de guerra na Ucrânia conseguir melhores condições, o ideal seria ratificar o acordo o mais breve possível", disse um diplomata em condição de anonimato à reportagem.



NOVO ITAMARATY Mauro Vieira consegue feito inédito: uma mulher será a número 2 do órgão

O futuro chanceler brasileiro que já ocupou a pasta durante o governo Dilma, é visto com bons olhos pelo corpo diplomático brasileiro no sentido de ser um resgate à tradição sem ser tão ideologicamente associado ao PT, caso de Celso Amorim. O embaixador Mauro Vieira já anunciou as três primeiras viagens internacionais de Lula depois de assumir a Presidência: Argentina, China e Estados Unidos. Todas devem ocorrer logo nos primeiros meses do novo governo, o que mostra uma preocupação em construir pontes bastante desgastadas.

Ainda segundo Vieira, as relações com a Venezuela comandada pelo ditador Nicolás Maduro serão restabelecidas no primeiro dia da gestão petista, algo que pode trazer desconforto internamente. Porém, segundo dois diplomatas ouvidos por ISTOÉ, o objetivo é reabrir uma embaixada no país e trabalhar em prol do estabelecimento de um regime democrático na região. A Venezuela está suspensa do Mercosul e os medos da extrema direita, de que o Brasil, através do BNDES, iria sustentar o regime venezuelano, não passam de teorias conspiratórias.

Outro ponto importante no "novo e velho Itamaraty" é a ênfase na defesa dos direitos humanos, das mulheres e das minorias. Um dos sinais de modernidade na pasta foi o anúncio da embaixadora Maria Laura da Rocha como a nova secretária-geral do Itamaraty, primeira mulher a ocupar o posto de número 2 da hierarquia do Ministério das Relações Exteriores. Depois de quatro anos de total desvio dos ideais que sempre sustentaram a instituição com dois séculos de existência, o começo parece promissor, ainda que longe de ser fantástico. ■

Ivete Sangalo ✦ Jorge e Mateus ✦ Iza
Zeca Pagodinho ✦ Emicida ✦ Ludmilla
Pabllo Vittar ✦ Thiaguinho ✦ Fábio Jr.
Alcione ✦ Gilsons part. Gilberto Gil ✦ Jão
Duda Beat ✦ Paulinho da Viola ✦ Saulo
Os Paralamas do Sucesso ✦ Nando Reis
Mari Fernandez ✦ Ney Matogrosso ✦ Belo

E MUITO MAIS!

LINE-UP COMPLETO E INGRESSOS À VENDA:

universospanta.com.br

#VemQueVaiSerLindo



NÃO BASTA REVOGAR

Recompra de armas, mais fiscalização e uso de busca ativa para retomar arsenal que voltará a ser ilegal são ideias de desarmamemnto após Lula suspender decretos de Bolsonaro

Thales de Menezes e Gabriela Rölke

O governo de Jair Bolsonaro editou 17 decretos, 19 portarias, três instruções normativas, duas resoluções e dois projetos de lei numa grande manobra para flexibilizar a compra de armas e munições no País. Entre outras determinações, permitiram a atiradores ter até 60 armas em casa e comprar 180 mil balas por ano, além de liberar a aquisição de fuzis semi-automáticos para os chamados CACs (colecionadores, atiradores e caçadores). Seus efeitos construíram um arsenal assustador: o registro de armas no País, que em 2018 era de 160 por dia, chegou a 1.200 diários em agosto deste ano, e agora, nos últimos momentos da gestão Bolsonaro, atinge espantosos 2.000 pedidos de registro de armas a cada 24 horas. Lula precisa colocar um freio nesse movimento e já está decidido que o primeiro ato de peso depois da posse será um "revogaço", pacote que vai anular inúmeras decisões do governo anterior, notadamente os decretos pró-armas. Mas não basta revogar esses termos da lei. É preciso desarmar uma parte da população que, apenas durante o governo Bolsonaro, comprou mais de 1,2 milhão de armas de calibres variados.

O novo ministro da Justiça, Flavio Dino (PSB), declarou que entregará ainda este mês a minuta de um novo decreto ao presidente. Sem detalhes divulgados, sabe-se que a linha básica da nova regulamentação inclui a limitação de compras de armas e munições, mudanças no prazo dos registros, maior fiscalização de arsenais caseiros e novas regras para clubes de tiro, onde se concentram os CACs. Segundo o ministro, a ideia é evitar um vazio normativo com a revogação dos decretos.

IstoÉ conversou com especialistas sobre ideias para executar com eficiência o desarmamento. Eles afirmam a necessidade de um

FUZIS Atiradores contratados por fazendeiro em Sandovalina (SP): proteção armada



RESISTÊNCIA
Manoel Brancante: promessa de "balaço na fuça" de quem quiser tomar sua arma

programa de recompra de armas inclusive com créditos tributários, o aprimoramento da fiscalização e a autorização de busca ativa, para retirar de circulação armas de grosso calibre que voltarão a ser proibidas nas mãos de civis, notadamente fuzis. Esses foram liberados por Bolsonaro numa decisão que iniciou a produção desse tipo de arma no Brasil, algo inédito. Integrantes do Grupo de Transição que trabalhou em Brasília desde a vitória de Lula querem que essa revisão seja feita nos primeiros 100 dias de governo, considerando perigoso manter um volume tão grande de armas em circulação por muito mais tempo.

Ivan Marques, advogado e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ressalta que uma preocupação é o desvio de armas compradas legalmente para o arsenal de milícias e facções criminosas. "Temos algumas evidências de desvio de armamento, principalmente do grupo que tem mais acesso a elas, os CACs. Temos evidências documentadas de que o crime organizado vem se utilizando de laranjas para a compra legal de armas de fogo e munições." Para Michele dos Ramos, pesquisadora do Instituto Igarapé, é preciso enfrentar o legado do descontrole de armas. "Com relação especificamente a armas que podem deixar de ser acessíveis a civis, armas de grande potencial ofensivo, como fuzis, a grande preocupação é que elas não podem cair na ilegalidade. Não podemos permitir que o Estado perca o controle." Ela cobra informações confiáveis. "Temos uma dificuldade em relação à confiabilidade e à acuidade dos dados do Exército. Precisamos saber quantas são essas armas e como elas estão distribuídas pelo País. O próprio Exército admitiu incoerências e inconsistências em suas bases de dados.,

GOVERNO PROPAGANDISTA

Em seu primeiro mandato, Lula instituiu o Estatuto do Desarmamento, que levou a uma devolução voluntária de quase meio milhão de armas entre 2003 e 2005. Agora, o processo seria incentivado pelo pagamento de um volume maior de créditos tributários. Mas, para Bruno Paes Manso, jornalista e cientista político do Núcleo de Estudos da Violência da USP, a atuação de Bolsonaro nos últimos quatro anos criou um novo cenário. "Tivemos um governo que foi uma espécie de propagandista da compra de armas, então existem hoje lideranças políticas defendendo a compra de armamento como forma de autodefesa, incentivando as pessoas à iniciativa pessoal de se defender. A Segurança Pública é responsabilidade do Estado, e não de cada um, por sua própria conta." Paes Manso reforça o fuzil como alvo central da investida de desar-

FOTOS: BETO BARATA/ESTADÃO CONTEÚDO/AE; AGÊNCIA ISTOÉ

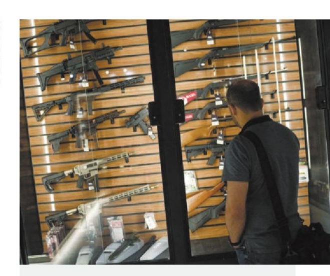
mamento. "No Rio de Janeiro, o poder do chefe do tráfico ou da milícia se mede pela quantidade de armas. Existem territórios com 400 fuzis, outros com 1.000 fuzis, outros com 150 fuzis, o que acaba sendo uma forma de medir o poder desses grupos." Ivan Marques destaca a fiscalização como fundamental, porque identificará quem passa a ter em casa armas que voltam a ser ilegais. "Quando a pessoa tem em mãos, ainda que obtido de forma legal, um produto que se tornou proibido ao longo do tempo, ela precisa entregar esse produto, e para isso será indenizada. Caso contrário, ela passa a estar fora da lei."

FOCOS DE RESISTÊNCIA

O arquiteto Manoel Brancante, 75, considera "absurdo" revogar os decretos. "A bandidagem está armada, e gente tem que se defender", diz. Sobre a eventual proibição de fuzis para civis, ele diz não ver problemas em cidadãos comuns terem em casa esse tipo de armamento de guerra. "Quem mata é o ser humano, não a arma!" Informado pela reportagem de que será mantido para cidadãos comuns o direito à posse de armas para autodefesa, ele diz que é "conversa pra boi dormir". "Eles vão recolher tudo. E o povo desarmado morre, e em dois anos estaremos em uma ditadura." Ele conta que tem uma arma na família desde os anos 1930. "Se alguém tentar arrancar ela de mim, leva um balaço no meio da fuça." O metalúrgico aposentado Lorinaldo Neri de Pontes, 54, reforça essa posição. "Qual o problema de a pessoa ter 60 armas? Tem gente que tem dez carros, 30 pares de tênis, e tudo bem. Ou a gente tem liberdade ou não tem."

Leopoldo Fielski, diretor de comunicação da Confederação Brasileira de Caça e Tiro, acredita que a limitação de armas em acervo pessoal pouco afetará os confederados. "De forma geral, eles têm poucas armas, e destinadas à prática desportiva. Os que conheço têm de quatro a dez armas. Normalmente, uma ou duas armas longas, pistola e revólver para tiro esportivo e defesa pessoal em casa. E carabina para tiro esportivo e manejo de javalis. E alguns que viajam ao exterior, com armas de caça."

Para Bruno Laneani, advogado e gerente da entidade Sou da Paz, "algumas das mudanças propostas pelo governo eleito serão feitas com respaldo de decisões recentes do STF, que por 9 a 2 considerou várias das mudanças decretadas por Bolsonaro inconstitucionais. Em resumo, legitimidade política existe, e suporte jurídico também. Além disso, Lula em seu primeiro governo conseguiu retirar de curculação quase meio milhão de armas por meio de entrega voluntária em um intervalo de dois anos. Já há expertise para isso, mas será preciso contar com uma forte campanha de comunicação, reestruturação de postos de entrega, e atualização dos valores dos incentivos monetários." ■



SHOPPING
Frequentador observa uma vitrine de armas de grosso calibre expostas em clube de tiro em São Paulo

COMPRA É PERMITIDA HÁ QUASE 20 ANOS

Direito foi garantido depois do referendo das armas em 2005, no governo Lula

O ano era 2005, e a população brasileira foi convocada a responder à seguinte pergunta: "O comércio de armas de fogo e munição deve ser proibido no Brasil?". Era o referendo das armas. Ao todo, 64% de um universo de 95 milhões de pessoas disseram "não". O referendo funcionou como uma eleição normal: o voto era obrigatório, e os cidadãos votaram em suas seções eleitorais – por meio de urnas eletrônicas. O mesmo sistema eletrônico de votação agora criticado por golpistas que resistem a reconhecer o resultado da eleição presidencial deste ano, portanto, foi utilizado para garantir aos brasileiros o direito, tão caro ao bolsonarismo, de ter armas para autodefesa. A realização do plebiscito estava prevista no Estatuto do Desarmamento, promulgado pelo então presidente Lula, em dezembro de 2003, depois de aprovado no Congresso. O projeto de lei que deu origem ao estatuto foi proposto pelo então senador Gerson Camata, do PMDB do Espírito Santo. Ele foi assassinato em 2018, aos 77 anos, em Vitória. Foi morto por um ex-assessor. O tiro fatal saiu de uma arma ilegal.

FOTO: MATIAS DELACROIX/AP PHOTO



É A VEZ DO PRESENCIAL

Submarino estreia no varejo físico, com foco em pequenos empreendedores, após 23 anos on-line

Com 23 anos de história no e-commerce brasileiro, o Submarino – uma das principais marcas da Americanas S.A. – chega, agora, ao varejo físico. O novo modelo de negócios foi desenvolvido pelo Grupo Uni.co, plataforma de franquias adquirida pela Americanas S.A. em 2021, e une a expertise do grupo no segmento com a força da marca Submarino. A operação física acontecerá por meio de quiosques com tamanhos entre 6 e 9 m² e com sortimento composto, majoritariamente, por acessórios de tecnologia e para celular. O quiosque prevê ainda, futuramente, utilizar o conceito de prateleira infinita, conectando os clientes aos milhões de produtos disponíveis no site e app do Submarino, diretamente no local.

Com uma expectativa de investimento inicial em torno de R$ 120 mil, o primeiro quiosque foi aberto neste mês, no Shopping Tamboré, em Barueri (SP). O modelo tem sortimento de cerca de 700 produtos, como capinhas para smartphones, mouses, teclados, fones de ouvido, powerbank, carregadores e cabos, além de oferecer uma máquina para corte de película de celular.

O Submarino foi uma das primeiras lojas online criadas no Brasil. Desde então, é reconhecido por lançar as últimas tendências no mercado gamer e de tecnologia. O projeto vai unir a experiência da marca no universo digital com a força da Uni.co como franqueadora. O público da marca Submarino é muito engajado e tem uma recorrência alta. A loja física vai aproximar ainda mais a marca dos consumidores e estreitar esse relacionamento.



DESCOBERTA Laboratório Nacional Lawrence Livermore, nos EUA: cientistas geram energia com fusão nuclear

ENERGIA DO FUTURO

Estados Unidos obtêm sucesso em experimento de fusão nuclear para produção energética limpa e inesgotável. Feito inédito é avanço e sinônimo de cautela por servir para testes de armas nucleares

Elba Kriss

Um marco histórico que deixa para trás décadas de tentativas do mundo científico. Na terça-feira, 13, o Departamento de Energia dos Estados Unidos revelou que, pela primeira vez, conseguiu realizar uma fusão nuclear em que a energia produzida superou a energia consumida. A experiência de sucesso aconteceu no Laboratório Nacional Lawrence Livermore, na Califórnia, e é celebrada por significar fonte de energia ilimitada e limpa. No entanto, também dispara um alerta, pois pode ajudar a realização de testes de armas nucleares.

A fusão é uma reação nuclear em que dois núcleos atômicos se combinam para formar um núcleo mais pesado, liberando grandes quantidades de energia. "O Sol gera energia graças às reações de fusão que ocorrem continuamente no seu interior", exemplifica Renato Semmler, professor de física da ESEG - Faculdade do Grupo Etapa. Dentro da estrela, dois isótopos do hidrogênio, o trítio e o deutério, se unem para a formação do hélio. Os americanos buscavam recriar isso e conseguiram usando os lasers da National Ignition Facility, no Livermore.

O experimento usou 2,05 megajoules de energia e coletou 3,15 megajoules. Em resumo: um ganho líquido de 53,6%. "Esse trabalho nos ajudará a resolver os problemas urgentes, como fornecer energia limpa para combater a mudança climática e manter uma dissuasão nuclear, sem fazer testes de bombas", informou Jennifer Granholm, secretária de Energia dos EUA. O ânimo é compreensível quando se entende que a fusão não polui, ao contrário das energias com base em combustíveis fósseis. "A fusão nuclear não produz rejeitos radioativos. Não gera CO2", explica Semmler. Isso é uma vantagem em relação à fissão, usada hoje por usinas nucleares.

O desafio é sustentar essa atividade, aumentar o ganho e fazê-lo de forma mais barata. O primeiro passo foi dado e a torcida agora é que não leve muito tempo para que seja usado em escala comercial, como em casas e carros. ■

FOTO: DAMIEN JEMISON/LAWRENCE LIVERMORE NATIONAL LABORATORY VIA AP

TRATAMENTO REVOLUCIONÁRIO

Um novo método envolvendo alteração de DNA, utilizado em uma terapia experimental, permitiu que uma adolescente inglesa sobrevivesse a um tipo de câncer raro e agressivo

Mirela Luiz

Perseverança e amor, em meio às renúncias e medos, marcam as rotinas das mães e pais de filhos com câncer. Quando se enfrenta essa doença, a família toda adoece junto e qualquer novidade no mundo da medicina é agarrada. Assim aconteceu com Kiona e James, pais da adolescente britânica Alyssa, de 13 anos, que é de Leicester, na Inglaterra.

Diagnosticada com um tipo de câncer muito agressivo, a leucemia linfoblástica aguda de células T, em maio de 2021, Alyssa submeteu-se à quimioterapia e a um transplante de medula óssea que não conseguiram êxito na regressão da doença.

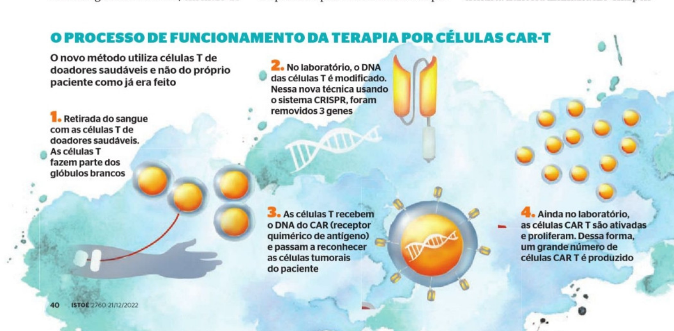
O que aconteceu em seguida era impensável há apenas alguns anos. A equipe do Great Ormond Street Hospital, uma unidade infantil em Londres, aplicou em Alyssa uma tecnologia chamada "edição de base", inventada há seis anos. A técnica permite aos cientistas ampliar uma parte determinada do código genético e, em seguida, alterar a estrutura molecular, convertendo-a em outra e alterando as instruções genéticas. A numerosa equipe de médicos recorreu à engenharia biológica para viabilizar tal façanha.

"A terapia com células CAR-T aplicada na paciente inglesa é desafiadora e pioneira porque utiliza células T de doadores saudáveis e não do próprio paciente, como é o caso da terapia com células CAR-T aprovadas pelo FDA e Anvisa e disponíveis comercialmente", explica a pesquisadora da FMUSP, Luciana Barros.

A primeira edição básica desativou o mecanismo de direcionamento das células T para que não atacassem o corpo de Alyssa. A segunda removeu uma marcação química, chamada CD7, que está em todas as células T. A terceira modificação foi uma capa invisível que impedia que as células fossem mortas por uma droga quimioterápica.

O estágio final da modificação genética instruiu as células T a rastrear qualquer coisa com a marcação CD7 para que destruísse todas as células T de seu corpo, incluindo as cancerígenas. As células T são as células que combatem o câncer e são usadas para a produção das células CAR-T, mas nesse caso não poderiam ser usadas, porque eram as células malignas.

A pesquisadora da FMUSP explica que utilizar células T de outras pessoas diretamente não é possível, porque elas atacariam os órgãos da paciente, podendo levá-la à morte. Então, o que os pesquisadores fizeram foi remover três genes das células T de um doador saudável para evitar que essas atacassem a doadora, e ainda inseriram o CAR, que reconhece especificamente as células da leucemia. Utilizaram para isso a técnica conhecida como CRISPR, desenvolvida na última década pela cientista francesa Emmanuelle Charpen-





SORRISO Alyssa exibe os cabelos que cortou para doação antes da quimioterapia que fez parte do tratamento

tier e pela norte-americana Jennifer Doudna, o que garantiu à dupla o prêmio Nobel de Química em 2020. A edição de quatro genes em linfócitos T é um desafio grande pela complexidade da edição do genoma e viabilidade das células. Essa tecnologia poderia viabilizar o que os geneticistas chamam de células CAR-T 'off-the-shelf', na qual um banco de células CAR-T de doadores saudáveis ficaria disponível para inúmeros pacientes, com custo menor, tempo para tratamento mais rápido e possibilidade de tratar pacientes que não são candidatos a essa terapia.

Durante o tratamento, a adolescente britânica ficou vulnerável a infecções, pois as células projetadas atacaram tanto as células T cancerígenas em seu corpo quanto aquelas que a protegiam de doenças. Mas, depois de um mês, Alyssa estava em remissão e recebeu um segundo transplante de medula óssea para regenerar seu sistema imunológico. Então passou 16 semanas no hospital e não pode mais se encontrar com seu irmão, porque ele ia à escola e isso aumentava o risco de contrair infecções. Houve preocupações depois que o check-up de três meses encontrou sinais do câncer novamente. Mas, nos dois exames seguintes, não havia sinais da doença.

Kiona, a mãe, afirmou em entrevista à rede BBC que no ano passado temeu o Natal, "pensando que este seria o último com ela". A família espera que o câncer nunca volte, mas já agradece pelo tempo que ganharam com a filha.

"Ter este ano extra, estes últimos três meses em que ela esteve em casa, já foi um presente", diz Kiona.

Alyssa faz planos: quer aproveitar esse Natal com a família, ser dama de honra no casamento de sua tia, voltar a andar de bicicleta, retomar a escola e "apenas fazer coisas normais". "Você aprende a valorizar as coisas pequenas. Estou tão grata por estar aqui agora", diz Alyssa e completa: "É uma loucura. É incrível poder ter essa oportunidade, estou muito agradecida por isso e vai ajudar outras crianças também, no futuro". ■

6. **No corpo do paciente, as células CAR T agem rapidamente reconhecendo e eliminando as células tumorais em questão de dias. Após algumas semanas sem sinal do tumor, é possível dizer que o paciente entra em remissão.**

5. **O paciente passa por uma quimioterapia que o prepara para receber as células CAR T, que vem numa bolsa, como um medicamento intravenoso**

"A novidade do último estudo é a utilização das células de doador saudável, aumentando a possibilidade de tratamento para pacientes que não poderiam produzir as próprias células CAR T"
Luciana Barros, pesquisadora da FMUSP



FOTOS: REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

Era uma vez... o terror

A princesa Catharina, da Holanda, saiu de Haia para morar sozinha em Amsterdã. Sob alto risco de sequestro por traficantes teve de retornar aos muros do palácio. Como nos contos de fadas, o medo está por trás do glamour

Denise Mirás

Catharina-Amalia Beatrix Carmen Victoria, Princesa de Orange e primeira na linha de sucessão do trono da Holanda, completou 18 anos e quis experimentar a vida de cidadã comum — na prática, a liberdade, mas sem abrir mão da fortuna. Em setembro de 2021, alugou um apartamento em Amsterdã, avaliado em dois milhões de euros, para iniciar um curso universitário sobre Política, Psicologia, Direito e Economia. Mas nem um ano se passou e a garota, sob ameaça de sequestro para virar moeda de troca na libertação de chefões do tráfico, já estava de volta a Bosh, no Palácio Ral Hois, em Haia. De novo encastelada e de novo ao lado dos pais, o rei Willem-Alexander e a rainha Máxima, e das irmãs mais novas Alexia e Ariane. Não é um conto de fadas.



ENQUADRADA
A princesa Catharina, que aos 19 anos segue isolada no palácio real da Holanda: proteção

FOTOS: ROBIN VAN LONKHUIJSEN/ANP/AFP; ANP MAG/ANP VIA AFP



SOB VIGIA A polícia teme que Catharina seja sequestrada para servir de moeda de troca visando à libertação de traficantes julgados em Amsterdã

Contos de fadas, no entanto, têm mesmo um núcleo de terror por trás da aparência cor-de-rosa, como afirma o psiquiatra Filipe Doutel. "Se João e Maria, Branca de Neve ou Cinderela mostram bruxa arrancando dedos de crianças, rainha envenenando camponesa, mãe escravizando enteada, há medo e opressão nessas histórias, tanto quanto por trás da vida de sonhos das princesas reais", observa ele. "Não apenas de Catharina, mas de Diana, que revelou ao mundo seu sofrimento oculto por uma aura de glamour. Ou de Haya, de Dubai, terceira esposa do emir, que em 2020 fugiu para o Reino Unido. Ou de Shamsa, filha da sexta esposa do mesmo sheik, que nos anos 2000 tentou fugir durante férias em Londres mas foi sequestrada e levada de volta ao Palácio Zadell. Por oito anos, nunca recebeu visitas, virando um zumbi, como contou a irmã Latifa, que conseguiu escapar da cidade-estado em 2018."

GANGUES VIOLENTAS

A história de Catharina da Holanda é outra, mas opressão e medo também reinam nos cenários. Contraterroristas do governo detectaram, em setembro desse ano, alto risco da princesa ser sequestrada para ser trocada por traficantes presos, a exemplo de Ridouan Taghi: chefe da máfia Mocro (corruptela de Marrocos), da maior rede de drogas na Europa, que está em julgamento com mais 16 cúmplices em Amsterdã. O nome da princesa apareceu em mensagens criptografadas. Como resultado, em 7 de dezembro ela comemorou seus 19 anos entre os muros do palácio de Haia. Em casa.

Catharina viveu e estudou na Villa Eikenhorst, no Pavilhão De Horsten, em Wassenaar, até os 12 anos. Passou a morar no Palácio de Haia, com os pais e as irmãs. Com seu lado sagitariano atiçado pela liberdade e revelado em paixões como equitação e tênis na adolescência, pensou em sair de casa. Aliás, do palácio. As excelentes notas até os exames pré-universitários e o ano sabático em voluntariado acabaram embasando seu pedido, finalmente autorizado pelos pais em setembro de 2021, de morar sozinha e estudar em Amsterdã.

Ocorre que a capital holandesa, para onde se mudou, é a porta de entrada de drogas na Europa, vindas da América Latina e do Oriente Médio, porque "favorece" a distribuição do tráfico tanto por sua localização geográfica como pela excelente malha ferrorodoviária holandesa. A cidade está a apenas 150 quilômetros da portuária Antuérpia, na Bélgica. Pela região circulam gangues cada vez mais violentas de cartéis de drogas. Com os rumores de ataque e sequestro, o carro blindado em que Catharina se desloca e que é escoltado por outros, com agentes do Serviço de Proteção Real e Diplomática, foram considerados insuficientes para sua proteção e, assim, "ela mal sai de casa", segundo sua mãe-rainha.

A atuação da Mocro na região de Flandres foi classificada como terrorismo, por ser contra o Estado de Direito, ultrapassando acertos de contas entre rivais do crime organizado, ligado ao tráfico de drogas. O ponto de virada se deu com o assassinato do repórter investigativo Peter R. de Vries, em julho de 2021, morto em tiroteio nas ruas do centro de Amsterdã, que teve imagens compartilhadas pelos matadores em redes sociais, para amedrontar a população. Foi quando o terror que entremeia contos de fadas e também castelos reais passou a se mostrar cada vez mais acintoso, espalhado por grupos extremistas. O psiquiatra Doutel observa: "Medo e ódio são sentimentos básicos. Desligam as bases racionais do ser humano, que age sem refletir, por isso são muito usados em manipulações políticas. O terror de princesas presas nas torres dos castelos tornou-se real em nossa época, e é transnacional". ■

Porta de entrada de drogas na Europa, Amsterdã reúne violentas gangues de traficantes. As ações passaram a ser tratadas como terrorismo após o assassinato na rua de um jornalista

A "Las Vegas" da Roma antiga

Templo árabe que foi considerado perdido é descoberto pela expedição arqueológica ultramarina que investiga construções da época dos imperadores nas profundezas do mar

Fernando Lavieri



ACHADO Pesquisadores mergulharam fundo para descobrir os mosaicos do sítio arqueológico subaquático: bom estado de conservação

BELEZA Estátuas que simbolizam a grandiosidade da época também estão debaixo d'água: cenário histórico

Um grupo de arqueólogos da Scuola Superiore Meridionale de Nápoles, na Itália, acaba de descobrir no fundo do oceano, em bom estado de conservação, um grande templo nabateu, de 2.000 anos. Os nabateus são considerados ancestrais dos árabes. A construção esteve soterrada durante séculos na parte leste do Golfo de Pozzuoli, na antiga cidade que pertenceu ao Império Romano chamada Baiae, a chamada "Las Vegas" romana. Baiae desapareceu ao longo do tempo por causa da atividade vulcânica e do movimento subterrâneo do magma que a afundaram. Segundo Michele Stefanile, chefe da missão, trata-se de algo de importância arqueológica extraordinária. "Temos ainda um território subaquático de dois quilômetros de costa para explorar", explicou à imprensa norte-americana. Os pesquisadores ficaram surpresos com o achado porque o templo é a única edificação desse antigo povo árabe em domínios do Império Romano. E, soma-se a descoberta do templo, o achado de outras construções muito bem preservadas: estátuas, vilas e mosaicos cheios de brilho. Para a arqueóloga Sônia Cunha, a descoberta servirá para compreender a ocupação na região e também a sua articulação com as outras cidades e dentro do império. "É quase uma Pompeia submersa", pontua.

A "Las Vegas" romana, na região Sul do país, era repleta de atrativos, para além do luxo e beleza característicos dos ornamentos do Império. Em Baiae havia fontes termais naturais que possuíam propriedades curativas. A identidade da cidade pode ser traduzida como uma espécie de parque de diversões da elite romana. Foi lá que os imperadores Júlio Cesar (83-68 a.C.), Nero (37-68 d.C.) e Adriano (76-138 d.C.) organizaram festas hedonistas. Em seu auge, se tornou o principal porto comercial de Roma, um centro imprescindível para a distribuição de alimentos e outras mercadorias pelo Mediterrâneo. A exploração arqueológica em Baiae, que hoje é um grande sítio arqueológico subaquático, já está bem documentada em obras literárias e históricas. No entanto, a outra parte da baía, a leste, denominada pelos romanos como Puteoli e onde está o antigo templo nabateu, passou a ser observada mais de perto há pouco tempo.

O fato é que o trabalho de exploração deve seguir por longo período, já que os pesquisadores querem criar um mapa detalhado das estruturas de um dos locais do apogeu do Império Romano. ■

FOTOS: ANTONIO BUSIELLO

Onde há fumaça...

Duas erupções assustam as Américas Central e Latina. O Vulcão de Fogo, na Guatemala, e o Láscar, no Chile, entraram em atividade, o que coloca a população local e até países vizinhos, incluindo o Brasil, em estado de alerta ***Elba Kriss***

A temida força da natureza deixou Américas Central e Latina em sobreaviso. O Vulcão de Fogo, na Guatemala, e o Láscar, no Chile, entraram em erupção no sábado, dia 10. Esse último soltou uma coluna de fumaça de seis quilômetros de extensão, assustando a população e alarmando governantes - até mesmo de países próximos. Em 2011, o Brasil teve voos cancelados por causa das partículas do Puyehue, no Chile. Agora, especialistas advertem que a poeira pode atingir o País, mas é necessário monitoramento constante antes de qualquer alarde.

Na Cidade da Guatemala, o Fogo teve explosões com cinzas que se elevaram a mais de um quilômetro. Em 2018, o vulcão provocou 215 mortes, o que aumenta o temor. Desta vez, o Aeroporto Internacional La Aurora foi fechado. Mas, no domingo, 11, as atividades cessaram. "Após várias horas de relativa calma, pode-se dar por finalizada a atividade eruptiva", informou Roberto Mérida, técnico do instituto guatemalteco.



ASSUSTADOR Chile: nuvem gigante de seis mil metros de extensão fez autoridades determinarem ações preventivas



PERIGO Guatemala: fonte incandescente de lava do Vulcão de Fogo ultrapassou 500 metros acima de sua cratera

Também no sábado, o Láscar fez as autoridades chilenas decretarem "alerta amarelo" por intensa fumaça, gases quentes e tremores de terra. O Serviço Nacional de Geologia e Minas estabeleceu um perímetro de isolamento a cinco quilômetros da cratera. Em 1993, cinzas do mesmo vulcão chegaram até Porto Alegre. Por isso, há sempre receio do lado brasileiro. "Estamos muito longe", acalma Hugo Cassio Rocha, geólogo e professor de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Segundo ele, as duas estruturas são do tipo estratovulcão: em forma de cone, formado pelo magma extravasado. "A boca entope, a pressão cresce e, quando explode, joga muita coisa na atmosfera. O material particulado viaja e pode chegar até aqui, mas vai depender do vento e do tipo de erupção."

Existem quase 200 vulcões na América do Sul. "É difícil precisar, pois alguns têm várias bocas", analisa Rocha. Além disso, a tecnologia ainda não é capaz de avisar quando um deles despertará. "Ajuda em termos, já que é possível prever com pouca antecedência se há aumento de vibração. Mas o estratovulcão é traiçoeiro", observa. No Brasil, o arquipélago de Fernando de Noronha tem origem vulcânica. O geólogo tranquiliza os turistas: "Não temos nenhum vulcão ativo". ■

FOTOS: JOHAN ORDONEZ/AFP; PEDRO TAPIA/AFP

Eternos alunos

A educação tradicional não é mais suficiente em um mundo de constantes transformações. Leituras, cursos rápidos e o interesse por temas diversos são características essenciais para os profissionais modernos

Taisa Szabatura

Basta uma navegação rápida pelas redes sociais com foco na carreira profissional, como o Linkedin e o Universia, para perceber a tendência do momento: mesmo as pessoas mais bem sucedidas do mercado estão, de alguma forma, de volta aos estudos. O modismo da vez, que em inglês recebe o nome de *Lifelong learning*, nada mais é que um aprendizado ao longo da vida. O conceito, independente da área de atuação do indivíduo, sustenta a ideia de que os estudos devem ser permanentes, e não apenas durante a idade escolar tradicional. Esses estudos não passam necessariamente pela volta aos bancos escolares, embora muitos gostem de acumular diplomas. Ter repertório em diversas áreas do conhecimento, seja tecnologia, jardinagem, literatura ou biologia, aumenta a criatividade e promove a saúde mental.

Apesar do hábito de manter-se em constante atualização não ser algo inédito, a facilidade de cursos ministrados pela internet e o período de isolamento social durante a pandemia fizeram com que a maioria dos profissionais buscasse aprender algo novo. "Vale dizer que nada foi inventado, tudo é adaptado a essa nova realidade, que exige decisões cada vez mais rápidas diante de cenários de incertezas. Enquanto os cursos



CERTIFICAÇÕES
Priscila Spadinger: empresária troca indicações de bons cursos pelo WhatsApp



TRADICIONAL Marcelo Válio: advogado está em seu segundo pós-doutorado

de longa duração precisam passar por comprovação científica, os mais rápidos estão em evidência, principalmente em escolas de negócios, que trazem cases atuais e com foco em startups", explica Janaína Manfredini, especialista em Gestão e instrutora da plataforma Linkedin Learning.

Para ela, a disseminação das empresas de tecnologia acelerou o processo de conhecimento e compartilhamento de dados, por isso é natural que as pessoas busquem mais informações sobre os temas aplicados ao dia a dia de suas profissões: "O *lifelong learner* tem a característica de colocar as coisas em prática. Ele estuda porque é pró-ativo, curioso e passa longe da zona de conforto". Enquanto a educação continuada está na moda, entre os principais CEOs do País há uma pressão velada para novas formas de aprendizado, seja para inovar na própria empresa ou para não correr o risco de ser substituído. Além disso, compartilhar novos certificados nas redes é considerado símbolo de status. Priscila Spadinger, CEO da Aleve Legaltech Ventures, de Belo Horizonte, afirma que executivos trocam indicações a respeito de cursos até em grupos de WhatsApp. "Sou advogada, mas comecei como técnica em Química e atualmente estou terminando um mestrado", diz. Com mais de dez diplomas em mãos, ela até se surpreende quando lembra a variedade dos cursos, da área de negócios aos vinhos, passando até por noções básicas de Física Quântica. Aos 41 anos, a empresária se diz apaixonada por aprender coisas novas, seja em viagens ou com a cara nos livros.

Se o ato de adquirir conhecimento pode ser viciante, ele também se transforma em um hobby que faz parte do cotidiano. "Não aprender me deixa deprimido", diz o empresário gaúcho Vinícius Boemeke, cofundador e CEO da startup de tecnologia Pulsus, de 36 anos. Ele diz que na adolescência queria ser médico veterinário e chegou a frequentar abrigos de animais para saber como seria a carreira. Interessou-se então por cinema; comprou todos os livros que conseguiu encontrar e, depois de ir pessoalmente às principais faculdades da área para checar como seria a grade curricular, optou por uma graduação em Publicidade e Propaganda. "Sou aquela pessoa que, se há um problema no ar-condicionado, quero entender como funciona o aparelho e resolver sozinho", diz. Durante a pandemia, enquanto estudava italiano para requerer ci-

> **"O aprendizado é a capacidade do cérebro de fazer novas associações. Não basta reter conhecimento, é preciso atribuir sentido a ele"**
> **Henrique Freitas**, neurologista

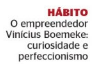
FOTOS: ALEXANDRE REZENDE/NITRO; KEINY ANDRADE; ISTOCK PHOTO

dadania no país de seus antepassados, decidiu praticar o idioma em um curso de culinária ministrado por "nonas" italianas no YouTube. "Aprendi a fazer o meu próprio fermento", afirma. Ainda estudou finanças, tecnologia e até medicina integrativa. Por ter uma doença autoimune, fez um curso sobre "O impacto do intestino na saúde".

Aos 65 anos, o professor e empresário Fernando Potsch, CEO da CBG Seniortech Ventures, tem um currículo universitário de dar inveja. Fez mestrado na França, onde foi aluno do renomado filósofo Gilles Deleuze, mas atualmente prefere falar da sua vida fora da academia e das empresas de sucesso pelas quais já passou. "Como a gente se atualiza? Eu aprendo algo novo com cada pessoa que cruza o meu caminho", afirma. Ávido colecionador de orquídeas, compara sua especialidade como analista de startups ao trabalho em um orquidário. No terreno de sua casa, uma área de cinco mil metros quadrados na capital fluminense, há flores por todos os lugares. "Por que aquela empresa não está florescendo?" e "será que essa startup precisa de mais luz?" são metáforas que usa com clientes.

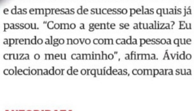
O advogado Marcelo Válio, de 46 anos, está em seu segundo pós-doutorado. "Sou apaixonado pela área e minha atuação exige atualização diária", afirma. Poliglota, já passou pela Itália e Argentina e irá defender sua próxima tese na Espanha, na área de Direitos Humanos. Referência nacional na área voltada aos vulneráveis - pessoas com deficiência, autistas, portadores de doenças raras - o advogado está em contato constante com o universo da saúde, participando inclusive de congressos e estágios fora do Brasil. "Sempre pensei em estudar medicina, mas não tenho tempo hábil para me dedicar a isso integralmente", afirma. No início do relacionamento com a esposa, ele conta que a esperava adormecer para sair da cama e estudar, sem que o interesse adicional atrapalhasse o romance.

"O aprendizado é a capacidade do cérebro de fazer novas associações. Não basta reter um conhecimento, é preciso atribuir um sentido a ele", explica o neurologista Henrique Freitas, coordenador do serviço de Neurologia da rede Mater Dei de Saúde. Ou seja, decorar dados não é válido, uma vez que o cérebro tende a esquecer o que não causou impacto duradouro. O neurologista lembra ainda dos diversos estudos que relacionam o aprendizado ao menor risco de desenvolvimento de síndromes. "O cérebro foi programado para aprender, sem data para parar", diz. Aprender, pelo visto, é uma tarefa sem contra-indicações. ■





HÁBITO
O empreendedor Vinícius Boemeke: curiosidade e perfeccionismo







AUTODIDATA
Fernando Potsch: executivo transformou a paixão pelas orquídeas em visão estratégica para startups

FOTOS: LUFE TORRES; THIAGO BERNARDES





TOKIOMARINEHALL.COM.BR





TURNÊ
MEU NOME É
THIAGO ANDRÉ
20 ANOS
28 DE JANEIRO

TURNÊ
MEU NOME É
THIAGO ANDRÉ
20 ANOS
MATINÊ
29 DE JANEIRO









04 DE FEVEREIRO



Patrocínio: Cia. Aérea Oficial: Mídia Partner: Apoio: Realização:













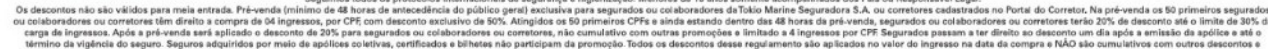












Atacama, lixão do mundo





GARIMPO Famílias procuram roupas em boas condições no lixão de Atacama para serem revendidas: negócio informal

Meca turística, deserto do Chile é alvo de descarte de toneladas de carros e roupas. Mais do que violentar uma paisagem natural, o processo afeta toxicamente o meio ambiente

Duda Ventura*

O deserto de Atacama tem a maior parte de sua extensão dentro do Chile, embora seus limites avancem por Argentina, Bolívia e Peru. Suas paisagens misturam deserto árido, salinas, alguns vulcões, lagoas, vales de vegetação farta, cânions e gêiseres. Hotéis e resorts na borda do deserto atraem mochileiros, arqueólogos, astrônomos, fotógrafos, alpinistas, motociclistas e toda sorte de aventureiros. E esses visitantes às vezes são surpreendidos pela visão impressionante de montanhas de lixo descartado nesse paraíso turístico, numa área que os prefeitos da região já chamam de "lixão do mundo".

Milhares de carcaças de carros enferrujadas e empilhadas. Toneladas de roupas amontoadas em montanhas de tecido ou enterradas a poucos metros da superfície. Pneus, em boa parte queimados, exalam um mau cheiro que se espalha por quilômetros. "É como se estivéssemos cercados por latas de lixo gigantes", lamentou Patricio Ferreira, prefeito de Alto Hospicio, nas cercanias do Atacama. Mas, para entender porque áreas do deserto formam um lixão global, é preciso dirigir o olhar a outra cidade do norte chileno, Iquique.

FOTOS: MARTIN BERNETTI/AFP; ISTOCKPHOTO







DUAS FACES Carros usados e carcaças enferrujadas são empilhados no deserto chileno: contraste com as paisagens intocadas (à dir.)

NÚMEROS DO LIXO

40 MIL
toneladas são descartadas anualmente no Atacama

100 MIL
quilômetros quadrados tem a área afetada pelos lixões

Todo ano, cerca de 40 mil toneladas de lixo são armazenadas no deserto. Fazem parte de lotes de produtos que vieram dos Estados Unidos, da Europa e da Ásia para serem revendidos internamente e a outros países da América Latina. As cargas entram em território chileno pela Zona Franca do Porto de Iquique, centro de comércio livre de impostos. Anualmente, quase 60 mil toneladas de roupas, novas ou de segunda mão, são importadas por empresas da região. O Chile é o maior importador de roupas usadas da América do Sul. No país, o descarte de têxteis é proibido. Por isso, quando os vendedores percebem que não terão sucesso na revenda desses itens, os transportam para regiões clandestinas.

As montanhas de roupas se transformaram em ponto de parada para imigrantes ilegais. Eles aproveitam a área sem fiscalização do Estado para construir moradias improvisadas e juntar mercadorias para revender, ficando mais vulneráveis aos materiais tóxicos liberados pelos resíduos no solo e no ar. "Tudo o que essas pessoas usam ou tocam pode estar contaminado por microplásticos, desde a comida até a cama", afirma o professor de Química da Universidade Presbiteriana Mackenzie Filippo Fogaccia. "Também as tintas e corantes das peças podem ser maléficos." Estima-se que esse problema da poluição do Atacama exista há 15 anos. Com o passar do tempo, o desgaste do lixo libera microplásticos que prejudicam a vida não somente das pessoas, mas também dos animais que participam desse ecossistema já frágil.

Nos mais de 100 mil km² afetados pela poluição, os transportadores muitas vezes queimam ou enterram os materiais, o que leva produtos químicos à atmosfera, em gases tóxicos, principalmente os originários de peças de poliéster. "É o tecido mais comum nas roupas, é leve e barato", explica Juliana Picoli, pesquisadora do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas. "Derivado do petróleo, quando queimado emite mais poluentes do que os outros."

Picoli alerta que o destino final das peças não é o único fator de preocupação, porque todas as etapas da produção de roupas representam um impacto enorme ao meio ambiente. "Temos que considerar a utilização de agrotóxicos no cultivo dos tecidos, como algodão, por exemplo, além da água para as plantações e da energia para transformá-los e limpá-los", afirma. Ela explica que o fator que está gerando esse descarte exagerado de roupas é o chamado fast fashion. "Esse modelo de produção fabrica roupas com pouca durabilidade e em condições sociais precárias. Por durarem menos, são mais baratas e produzidas em maior quantidade. As pessoas descartam e, consequentemente, compram mais."

No caso dos carros, eles são frequentemente enviados para vizinhos latino-americanos, como Paraguai e Peru. Os que ficam no Chile são muitas vezes abandonados nas ruas e acabam tendo o mesmo fim que as roupas: o deserto.

Inúmeros processos por descaso ambiental já foram abertos contra o Estado chileno, que passa atualmente pela burocracia governamental para aprovar leis de responsabilidade para importadores e para fiscalizar a área. ■

**Estagiária sob supervisão de Thales de Menezes*

Gente

por Elba Kriss

Manter a calma é o segredo

Estreante na TV, **Vitoria Bohn** é um dos destaques de *Cara e Coragem*, da Globo. Na história, a atriz de 21 anos vive Lou, a meia-irmã de Pat (Paolla Oliveira), que encara um enredo dramático por ser fruto de um relacionamento extraconjugal. O personagem exigiu – e a crítica tem aprovado a atuação da artista. Inclusive na parte performática: ela tem dado show como bailarina de dança vertical, arte que mistura acrobacias e alpinismo. "Eu tinha muito medo de altura e não sou dançarina", afirma à ISTOÉ. "Fiz aulas diárias da modalidade para superar isso. Creio que a prática e a repetição foram os responsáveis por fazer parecer fácil." Nos bastidores do folhetim, ela comemora o fato de ter ganhado uma "irmã de coração", pois foi de Paolla que recebeu um conselho que levará para a vida: "ela me ensinou uma técnica para conseguir manter o equilíbrio. Repito isso para mim mesma: 'calma e respira' que tudo flui melhor". O mantra tem dado certo e o fato de ser classificada como promessa da Globo não a assusta. "Grandes poderes vêm com grandes responsabilidades. Direciono o meu foco principal para as minhas responsabilidades, me policiando para não dar espaço para pensamentos que possam me sabotar."



Quem fala o que quer...

Quentin Tarantino, um defensor das tradições do cinema, veio a público para criticar os filmes de super-heróis. O diretor desdenhou das franquias culpando o sucesso desse estilo pela 'marvelização' de Hollywood'. "Você tem esses atores que ficam famosos interpretando os personagens. Mas eles não são astros do cinema. Capitão América ou Thor são as estrelas, não os atores." **Robert Downey Jr.**, o Homem de Ferro, foi duro ao rebater o colega: "Reinvente-se antes de decidir que outra pessoa não sabe o que está fazendo ou que uma coisa é melhor que outra".



Aprovado por Silvio Santos

O ator Velson D'Souza agradou como protagonista do musical *Silvio Santos Vem Aí*, em São Paulo: dar vida ao apresentador no teatro lhe rendeu uma indicação como Melhor Ator no Prêmio Bibi Ferreira 2022. A maior conquista, porém, foi o elogio da família Abravanel. "Silvio mandou uma equipe do SBT gravar o espetáculo para que ele e a esposa Íris pudessem assistir de casa, pois estavam se resguardando por conta da Covid-19", conta. "Recebi um email da Íris falando do meu trabalho e foi lindo". Não à toa, o ator foi escalado para *A Infância de Romeu e Julieta*, próxima novela infantil do SBT. As gravações já começaram, e D'Souza agora se divide entre a TV e a agenda de professor. "Dou aula de Interpretação para Televisão e Cinema no meu estúdio, em São Paulo". Vale a pena levar uma vida dupla para agradar o novo patrão.

O eleito da Anitta

O modelo **Lucca Picon** foi o nome mais buscado na internet na última semana. O também ator de 21 anos é apontado como novo affair de Anitta, que levou o rapaz para curtir o Carnatal, no Rio Grande do Norte. Apesar do sobrenome, o galã não tem parentesco com Jade Picon, a atual queridinha da Globo. Ele é filho do surfista francês Miky Picon e pode ser visto em *Malhação – Toda Forma de Amar*. O interesse pela funkeira não é de hoje: uma entrevista de 2020 foi resgatada pelo fã-clube da cantora em que ele revelou que "ficaria" com a artista. Quem espera sempre alcança.



Baladeira e popular

Aos 21 anos, a atriz **Duda Santos** vive a adolescente Isa em *Travessia*, da Globo. Na trama de Glória Perez, ela tem entretido o público com as peripécias da garota que adora baladas e tira o pai do sério. "Ela ainda vai aprontar muito", diverte-se. Na novela, contracena com Ailton Graça e Indira Nascimento, que interpretam seus pais, e Ricardo Silva, irmão na ficção. A representatividade dos personagens é aplaudida pelos telespectadores e deixa a artista muito alegre com as manifestações positivas nas redes sociais. "54% da população brasileira está vendo uma família igual a deles na TV", finaliza.

Da série para a vida real

Famosa pelo papel em Grey's Anatomy, *da ABC,* ***Ellen Pompeo*** *tem um objetivo que vai além da série. A atriz deixará o elenco no início de 2023, mas seguirá como produtora. Seu foco integral, porém, será voltado para um negócio que surgiu graças à ligação da produção com a medicina: Ellen abriu uma empresa que visa democratizar o acesso a medicamentos. A proposta é tornar os preços mais acessíveis e facilitar a doação de produtos. "Ao longo dos vinte anos em que interpretei uma médica, me tornei extremamente consciente de que há muitas desigualdades no sistema de saúde", declarou. Ela troca a TV por uma boa causa.*



FOTOS: XAVIER COLLIN/IMAGE PRESS AGENCY/NURPHOTO; FERNANDA GARCIA/DIVULGAÇÃO; OSMAR LUCAS/DIVULGAÇÃO; LUKAS ALENCAR/DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO INSTAGRAM; MIKE ROSENTHAL/ABC/DIVULGAÇÃO

Economia/Eletricidade

E A CONTA É DO CONSUMIDOR

Quase metade da conta de luz já é composta de impostos. Os 'jabutis' oportunistas incluídos na privatização da Eletrobrás para beneficiar políticos pelo governo Bolsonaro podem aumentar essa proporção

Mirela Luiz

O mandato de Jair Bolsonaro está acabando, mas ele ainda será lembrado por muito tempo. Isso ocorrerá não só pelas sandices ditas e pelo seu comportamento duvidoso, mas também pela herança que deixará no bolso dos cidadãos. Exemplo disso é o buraco que foi deixado no setor energético. De acordo com levantamento feito pela equipe de transição do presidente eleito Lula, o rombo desse setor pode atingir R$ 500 bilhões, que terão impacto direto na conta de luz, e consequentemente no bolso do consumidor, principalmente daqueles de baixa renda.

Levantamento realizado pela PwC Brasil, em parceria com o Instituto Acende Brasil, revela que quase a metade do valor pago pelos consumidores na conta de luz já é destinada a encargos e tributos dos três níveis da Federação (União, Estados e municípios). "O patamar da carga tributária mudou nos últimos anos e tem estado acima de 46%. Um peso elevado demais, que afeta a sociedade brasileira, em grande parte constituída por famílias de menor renda", diz Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil. Esse componente tributário é um dos principais fatores a puxar para cima o custo da energia.

De acordo com o estudo, de cada R$ 100 que o consumidor paga na conta de luz, R$ 46 são usados para pagar tributos e encargos. "Precisamos suspender de uma vez por todas a prática de se repassar aos consumidores os custos decorrentes de ineficiências setoriais ou de benesses a segmentos específicos", diz Carlos Faria, diretor-presidente da Associação Nacional dos Consumidores de Energia (Anace).

O estudo foi feito com dados de 2021, fornecidos por 45 empresas, o que representa 70% do mercado nacional de geradoras, transmissoras e distribuidoras de energia no País. Quando é feita uma análise segregada, a carga tributária consolidada em 2021, apenas por essas



LINHA DE TRANSMISSÃO DA ELETROBRÁS
Empresa privatizada em junho tem uma das tarifas mais caras do mundo





INSUSTENTÁVEL
Com aumento de subsídios os mais pobres pagarão as contas dos mais ricos

empresas analisadas, chegou a R$ 106,1 bilhões, perante aos R$ 95 bilhões recolhidos em 2020. Isso representa 46% da receita bruta das empresas, que chegou a R$ 230,7 bilhões.

Na prática, o cenário mostra que quase metade das contas não remunera os próprios agentes do setor, mas é usado para outra finalidade que não tem nada a ver com o setor elétrico. Em 2021, houve uma ligeira queda no percentual da carga tributária na conta de luz, já que os dados de 2020 indicam um peso de 49,1%, pouco acima dos 46% de 2021. A principal razão do percentual um pouco menor é a redução da quota de rateio da Conta de Desenvolvimento Energético (CDE). Mas os responsáveis pela pesquisa indicam que o orçamento da CDE para o atual ano prevê um aumento de 34%, alcançando R$ 32 bilhões até dezembro, fator que tende a elevar o peso da carga tributária no futuro.

"Quando comparado ao ambiente de pandemia de 2020, o ano de 2021 foi marcado pela retomada da economia e por um período de preocupações acerca do abastecimento de energia para o setor produtivo. Apesar disto, notamos nas demonstrações financeiras constantes da amostra de 2021 uma relativa estabilidade na participação dos tributos na cadeia de energia", afirma o sócio da PwC Brasil Vandré Pereira, responsável pela pesquisa.

Para ele, caso seja mantido o ritmo de criação de novos subsídios e de aumento dos existentes, o setor de energia pode chegar numa situação insustentável. Informações da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) corroboram o diagnóstico do especialista: a inadimplência entre os consumidores de baixa renda tem ficado acima de 40%. Num cenário de crise econômica como o que estamos vivendo, o desafio fica ainda maior, com as famílias tendo de escolher entre pagar a conta de luz e comprar comida.

"Quem consegue acessar a geração distribuída tem um ganho aí de curto, médio e longo prazo e quem não está aderindo continua numa tarifa cara. É um desafio", argumenta Diogo Lisbona, pesquisador do FGV CERI. Entidades de defesa do consumidor e associações do setor elétrico pediram em carta aberta nesta semana a rejeição do Projeto de Lei 2.703/22, em discussão no Senado Federal, que prorroga os subsídios aos projetos de geração distribuída até 2045. "O PL 2.703/22 é um 'Robin Hood às avessas', pois os mais pobres – sem condições de instalar painéis fotovoltaicos – estão sendo obrigados a subsidiar os mais ricos, que podem optar por esses painéis", avalia Clauber Leite coordenador de Energia do Instituto Polis. ■



Déficit
R$ 500 bi trarão impacto direto nas contas de luz

Custo
R$ 46 de cada **R$ 100** que o brasileiro paga na conta de luz vai para tributos e encargos

R$ 106,1 bi
é o valor total de tributos e encargos recolhidos por cerca de 70% das empresas do setor

FOTOS: NELSON ANTOINE/FOTOARENA/FOLHAPRESS; DARIA KULKOVA/ISTOCKPHOTO

Um pesadelo argentino

Com o presidente Alberto Fernández enfrentando uma crise econômica interminável e Cristina Kirchner, sua vice, condenada por fraudes, o peronismo agoniza e o país trata Lula como tábua de salvação

Denise Mirás



70 ANOS EM FEVEREIRO Cristina Kirchner pode cumprir pena em casa, sob benefício para sua faixa etária

Cristina Kirchner foi condenada a seis anos de detenção por fraudes nas gestões dela e do marido, Néstor, quando ocuparam a Presidência da Argentina entre 2003 e 2015. Aos 69 anos e beneficiando-se de múltiplos recursos a serem acionados por seus advogados, ela dificilmente irá presa, mas a sentença representou um duro golpe ao kirchnerismo. A mancha da corrupção aprofunda o racha no Partido Justicialista (peronista), que comanda o país por meio do presidente Alberto Fernández, por sua vez brigado com Cristina, sua própria vice. Enquanto isso, a inflação bate recorde atrás de recorde e deve fechar 2022 ultrapassando os 100% ao ano. A crise é tão profunda que Lula, o presidente eleito no Brasil, surge como uma tábua de salvação para Fernández ao menos terminar o seu mandato, no fim de 2023.

Ainda que o país esteja à deriva, com metade da população passando fome, o kirchnerismo resiste pelas raízes profundas fincadas no peronismo, observa Flavia Loss, professora de Ciência Política da FESPSP. Há uma nostalgia dos anos 1950, época de ouro do movimento, diz a analista. "Ocorre que não se pode voltar ao peronismo antigo, do qual o kirchnerismo se aproveita mas não avança, com propostas mais atualizadas."

Flavia não acredita que a condenação de Cristina a seis anos de cadeia funcione como uma pá de cal simbólica no kirchnerismo, "ainda muito latente" no país vizinho. "Peronismo e kirchnerismo funcionam como um bastião diante de governos neoliberais e, por isso, tanto ela como Fernández não conseguem se separar totalmente. A questão é se o kirchnerismo terá forças para se manter e seguir adiante com o Máximo, filho dela, atualmente deputado nacional pela província de Buenos Aires e líder do governo. E mais: para onde irão a centro-esquerda e a esquerda?" O quadro político dependerá da próxima eleição, diz a professora, em 29 de outubro do ano que vem.

A crise se aprofunda com a desvalorização da moeda e a troca de ministros da Economia. O caos cambial levou o país a criar pelo menos 14 cotações para a moeda americana, incluindo conversões apelidadas de "dólar Coldplay", "dólar Catar" e "dólar Luxo". A dívida de



NA LONA Alberto Fernández tenta terminar o mandato de presidente em 2023 e aguarda apoio do colega Lula

FOTOS: RODRIGO ABD/AP PHOTO; GUSTAVO GARELLO/GETTY IMAGES SOUTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP

US$ 40 bilhões com o FMI, agravada num cenário de falta de divisas, praticamente deixou o país sem saída, precisando recorrer atualmente à China, disposta a estender sua influência na América do Sul, financiando obras de infraestrutura no país e abrindo relações comerciais para além da soja e da carne.

Alberto Fernández está na lona, diz Flavia. E, em vez de os argentinos falarem sobre candidaturas, o que se discute é se o presidente conseguirá terminar o mandato. "Daí a importância da eleição de Lula, uma esperança de salvação para o colega vizinho. Aliás, para a região, que sente falta de uma liderança que acalme os ânimos, que atue na intermediação sem intromissão, dentro da legalidade democrática."

O Brasil tradicionalmente ocupa esse papel e a expectativa pela posse de Lula é muito grande, continua a professora, assim como por mais articulações progressistas, em defesa de instituições contra extremistas de direita altamente beligerantes. "Neste momento, vínculos são vistos com alívio pela Argentina, que pode conseguir respaldo econômico a reboque, por exemplo, de uma retomada de forças do Mercosul, que foi desintegrado."

FRAUDE PATAGÔNICA

Cristina foi condenada por fraude na administração pública, favorecendo um sócio e mais dez funcionários envolvidos em licitações para construir rodovias na província de Santa Cruz, reduto dos Kirchner. Mas não pode ser presa se mantiver o mandato de vice-presidente da Argentina, que termina em dezembro de 2023. E, como cabem recursos, ainda pode ser eleita em algum cargo executivo ou legislativo nas eleições gerais do ano que vem, o que lhe garantiria a extensão da imunidade. Se eventualmente tiver de cumprir a pena de seis anos, poderá ser em casa, porque completa 70 anos em fevereiro de 2023 e terá direito ao benefício. ■



PROVA DE FOGO Apoiadores do presidente deposto no Peru, espalham violência em Lima

Peru

A saída: novas eleições

Golpe frustrado de Pedro Castillo jogou o Peru no caos. Após assumir a Presidência, Dina Boluarte tenta conter protestos e antecipar o pleito de 2026 *Denise Mirás*

País com uma forma de governo peculiar em que o Parlamento pode destituir o presidente e o presidente pode dissolver o Parlamento, o Peru chegou ao caos. Em estado de emergência depois que o presidente Pedro Castillo tentou um autogolpe e foi preso, violentos protestos eclodiram. Aeroportos e usinas hidrelétricas foram tomados pelas Forças Armadas. A vice, Dina Boluarte, assumiu as rédeas do desgoverno. Chamada de "ladra" pelo ex-aliado deposto e sem contar com o reconhecimento de vizinhos como Argentina, Bolívia, Chile e México, restou a ela propor eleições antecipadas ao Congresso, onde não tem maioria para aprovar reformas. Previsto para abril de 2024, o pleito pode empurrar a espinha política para a goela do próximo presidente. Que será o sétimo desde 2016.

Castillo teve pouco mais de 10% de votos no primeiro turno. Só venceu Keiko Fujimori no segundo pela altíssima rejeição da candidata. Com o país dividido, a esquerda fragmentada, oposição do empresariado limenho e de extremistas de direita como Rafael López Aliaga, prefeito de Lima chamado de "Bolsonaro peruano", o ex-mandatário não conseguiu governar. Empossado em julho de 2021, já está na lista macabra de 30 anos de presidentes depostos e/ou presos (um deles, Alan Garcia, se suicidou).

A tentativa bisonha de reprisar o autogolpe de 1992 de Alberto Fujimori foi um fracasso anunciado. Literalmente. Na tentativa de escapar do terceiro pedido de impeachment por corrupção, Castillo foi à tevê em 7 de dezembro dizer que dissolveria o Congresso (onde não tinha maioria) e instauraria estado de exceção para governar apenas com decretos-leis. De bate-pronto, o Congresso votou pela destituição do presidente, que foi preso em Lima por seus próprios seguranças. ■

CAOS Primeira mulher a presidir o país, Dina Boluarte defende eleições em abril de 2024

FOTOS: ERNESTO BENAVIDES/AFP; LUIS IPARRAGUIRE/PERUVIAN PRESIDENCY/AFP

LIVROS

por Felipe Machado



Lançamentos de clássicos da **literatura de terror** publicados por autores brasileiros e estrangeiros demonstram **a importância** e perenidade desse gênero que já foi considerado **maldito**, mas segue conquistando leitores em todo o mundo desde o século 19

Medo eterno

GRITO
Janet Leigh, em cena do filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock: diretor hipotecou a própria casa para comprar os direitos do livro de Richard Bloch

O clássico de Alfred Hitchcock fez um sucesso tão grande nas telas que pouca gente lembra que *Psicose* é baseado em um romance de Robert Bloch. O diretor britânico ficou obcecado pelo livro e decidiu hipotecar a casa em que morava para conseguir comprar os direitos da obra, uma vez que os grandes estúdios não queriam investir no projeto. Para proteger o mistério da trama, essencial para o sucesso do seu ambicioso trabalho, Hitchcock adquiriu todos os exemplares à venda nas livrarias e protegeu o sigilo do roteiro como se fosse um segredo de guerra. Quando a produção chegou aos cinemas, ameaçou os críticos que ousavam revelar detalhes sobre o final. Apesar da magia do filme, o livro de Bloch também tem o seu próprio valor. Sua nova e luxuosa edição comprova um fato: histórias assustadoras, desde que bem contadas, têm caráter atemporal e mantêm a capacidade de conquistar leitores em qualquer época.

Outro lançamento que reforça essa tese é *Tênebra – Narrativas Brasileiras de Horror (1839-1899)* (Fósforo Editora), belíssimo trabalho de curadoria organizado pelos pesquisadores Júlio França e Oscar Nestarez. A coletânea formada por 27 contos escritos no século 19 revela que a nossa literatura na época não ficou restrita ao romantismo e realismo. Eram produzidas obras de vertentes mais sinistras, entre elas o gótico, o horror, o fantástico e as histórias de crime. O livro reúne textos de nomes improváveis como Machado de Assis, Olavo Bilac e Aluísio de Azevedo, autores que nunca foram associados ao gênero. Segundo os organizadores, a antologia busca desfazer um engano perpetrado há décadas: a de que a chamada "literatura de medo" nunca existiu no País. O suposto desprezo por essa escola, que no exterior sempre inspirou *best-sellers* e o respeito dos literatos, é explicado no prefácio: "A crítica e a historiografia literárias brasileiras sempre demonstraram preferência por obras realistas que versassem diretamente sobre as questões sociais e políticas de maior relevo, bem como por aquelas que abordassem a discussão sobre o que é o Brasil e quem somos nós, os brasileiros. Nossa literatura, desde o romantismo, passando pelo modernismo, foi encampada pelo projeto de construção da identidade nacional. Como efeito colateral, as propostas que não seguiram esse programa foram sufocadas".

Se os leitores ficarão surpresos com o tom tenebroso dos textos pouco conhecidos de Machado (*Sem Olhos*) e Bilac (*O Crime de Otávio*), o charme da obra são as sangrentas histórias de nomes quase anônimos. O conto *Missa do Galo*, que abre o livro, é atribuído a Maciel da Costa, embora a ficha técnica admita que pode tratar-se do pseudônimo de Gregório de Tavares, que o teria publicado no jornal carioca Correio das Modas, em 1839. Já o mineiro Bernardo Guimarães, que colabora com *Jupira*, de 1872, é conhecido do grande público por outra referência, de temática bastante diferente: o romance *A Escrava Isaura*, adaptado para a TV em novela de sucesso, em 1976.

Não é apenas o terror com sotaque brasileiro que conta com relançamentos de peso nesse fim de ano. A renomada escritora norte-americana Shirley Jackson ganha a coletânea *A Loteria e Outros Contos*, com 24 textos publicados entre 1948 e 1965. Outro norte-americano, aquele que é considerado o pai da literatura moderna desse estilo, foi homenageado com uma versão de luxo da editora Darkside. Edgar Allan Poe, precursor de uma ampla gama de autores que vai de Stephen King a H.P. Lovecraft, é o primeiro volume da série *Medo Clássico*, que terá ainda Mary Shelley (*Frankenstein*) e Bram Stoker (*Drácula*), entre outros.

Além dos contos que o tornaram famoso, como *O Gato Preto*, *Os Assassinatos na rua Morgue* e *A Queda da Casa de Usher*, a bela edição contém uma apresentação do francês Charles Baudelaire, publicada originalmente em 1852. Traz também o poema épico *O Corvo*, de 1845, na versão original, em inglês, e nas traduções de Machado de Assis e Fernando Pessoa. Há ainda uma apresentação do autor, que explica a filosofia por trás da obra. Essa série de lançamentos lembra que, assim como o medo é um sentimento atemporal e universal, seus principais autores também o são. ■

SHIRLEY JACKSON
A Loteria e Outros Contos: uma das primeiras mulheres a se dedicar ao gênero

EDGAR ALLAN POE
O pioneiro: mestre de discípulos como Stephen King e H.P. Lovecraft

MACHADO DE ASSIS
Bela surpresa: o conto *Sem Olhos*, da coletânea Tênebra, traz um lado pouco conhecido do "Bruxo do Cosme Velho"

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; COLLECTION ROGER-VIOLLET/AFP

A FORÇA DA MEMÓRIA

O novo filme do diretor mexicano Alejandro Iñarritu é um relato autobiográfico que entra para a lista das grandes produções inspiradas no passado de seus criadores

Felipe Machado

O diretor Alejandro Iñarritu chamou a atenção de Hollywood no ano de 2000, quando seu filme *Amores Perros* foi indicado como representante do México ao Oscar de produção estrangeira. Logo veio o convite para trabalhar nos EUA e, com isso, o reconhecimento: até 2016 ele havia levado para casa cinco estatuetas, em diversas categorias, pelas vitórias de *Birdman (Ou a Inesperada Virtude da Ignorância)* e *O Regresso*. Depois de alcançar o sucesso, como será que ele foi recebido ao voltar ao seu país de origem? O novo filme, *Bardo, Falsa Crônica de Algumas Verdades*, transforma em imagens esse sentimento. É uma forte experiência imersiva, uma viagem a sua memória sensorial. Conta a história de Silverio Gama (Daniel Gimenez Cacho), mexicano que vive em Los Angeles e trabalha como diretor de documentários. Depois de ganhar um importante prêmio internacional, volta ao seu país de origem e, ao nele chegar, enfrenta uma crise existencial. Qualquer semelhança com a realidade não é apenas mera coincidência: *Bardo* é mais uma obra em que o cineasta busca refúgio na memória para exorcizar anjos e demônios.

A ideia não é nova. Desde que o cinema existe há diretores que tentam reproduzir o passado. Alguns deles com impressionante realismo, por meio de cenários e situações que poderiam servir quase como terapias cinematográficas. Alfonso Cuarón, conterrâneo de Iñarritu, foi um dos que se aventuraram em um projeto dessa natureza. *Roma*, de 2018, é ótimo relato sobre Cleo, empregada doméstica que trabalhou para uma família de classe média nos anos 1970. A personagem foi inspirada em uma profissional da família Cuarón, no tradicional bairro de Roma, na Cidade do México. O realismo da obra e sua bela fotogrtafia em preto e branco recriam com romantismo o período abordado, inclusive por meio das expressões idiomáticas da época.

Outros diretores, como Iñarritu faz em *Bardo*, optam por abusar das impressões subjetivas. Seguem a escola criada por Federico Fellini, o mestre do cinema memorial. O maior exemplo na sua vasta filmografia é *Amarcord*, título que remete à gíria italiana da região em que ele nasceu, a Emilia-Romagna – *m'arcord* significa 'eu me lembro'. O cineasta revê sua vida familiar e a Itália dos anos 1930 por meio dos olhos de Titta, o protagonista. Mais um exemplo, agora vindo da Itália, é

FOTOS: COURTESY OF NETFLIX; REPRODUÇÃO

HISTÓRIA REAL
O personagem Silverio Gama, interpretado por Daniel Gimenez Cacho em *Bardo*: retorno ao país de origem

o sensível *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore. Seu protagonista Salvatore Di Vita, alter ego do diretor, recorda as memórias do garoto Totó, cujo amor pela sétima arte nasce ainda na infância, a partir da amizade com o projecionista do cinema de sua pequena cidade.

O SEGREDO DE SPIELBERG

A busca pelo passado também é tema do novo filme de Steven Spielberg, *Os Fabelmans*, que estreia em fevereiro de 2023. Em um bate-papo com o colega Martin Scorsese, ele admitiu a nostalgia que o trabalho lhe trouxe: "Não queria que as filmagens terminassem porque revivi um período incrível da infância. Sempre fui muito reservado sobre a minha vida privada e nunca trouxe a público minhas histórias, pelo menos até agora", confessou Spielberg.

No enredo, um jovem descobre um segredo familiar devastador e usa o poder ficcional do cinema para tentar reverter a situação. Segundo o diretor, a ameaça causada pela pandemia e a morte recente dos pais o convenceram a levar a ideia adiante. "Eu não tinha nenhuma intenção de fazer esse filme e ficaria feliz em guardá-lo na gaveta. Mas a Covid-19 me deu muito tempo para pensar sobre isso e achei que que seria a hora de contar essa história", afirmou. Spielberg revela que o empurrão que lhe faltava veio da mãe: "guardamos um segredo por muito tempo, e ela sempre me dizia: 'Steve, por que você não faz um filme sobre isso algum dia?". Não há incentivo melhor para voltar à infância que a vontade de estar com a família – ainda que seja apenas no escurinho do cinema. ■

EM ALGUM LUGAR DO TEMPO



Amarcord

O italiano Federico Fellini é considerado o mestre do cinema memorial: o personagem Titta é o alter ego do diretor em uma de suas obras mais emblemáticas



Os Fabelmans

O adolescente Sammy, protagonista do novo trabalho de Steven Spielberg: história do jovem cineasta foi criada a partir de um episódio familiar



Roma

A produção de Alfonso Cuarón que homenageia a empregada doméstica de sua família rendeu dois Oscars ao artista mexicano



À MODA ANTIGA
Daniel Craig como Benoit Blanc: detetive inspirado em Hercule Poirot

FILME

Mistério à moda de Agatha Christie

Após o sucesso de *Knives Out*, produção que traz o ator Daniel Craig como um charmoso detetive ganha ótima sequência

Quando o filme *Knives Out: Entre Facas e Segredos* chegou aos cinemas, em 2019, o roteirista e diretor Rian Johnson foi aclamado pela crítica como um talentoso reinventor das tradicionais histórias de mistério. Com um estilo que remetia aos escritores Agatha Christie e George Simenon, ele conseguiu incluir seu protagonista, o charmoso Benoit Blanc (interpretado por Daniel Craig, ex-James Bond), na galeria dos grandes detetives da ficção, que conta com nomes como Hercule Poirot e Jules Maigret. O sucesso de bilheteria levou a Netflix a encomendar duas sequências para a trama original, compradas pela gigante do streaming a peso de ouro: U$ 469 milhões. O primeiro produto desse acordo chega agora à plataforma: *Glass Onion: Um Mistério Knives Out* traz um elenco de astros que conta com Edward Norton, Kate Hudson e Ethan Hawke. O novo filme gira, mais uma vez, em torno de um assassinato cujo autor será revelado apenas ao final, no melhor estilo "quem matou?". Um bilionário da tecnologia - bastante semelhante a Elon Musk - convida os amigos para passarem férias em sua ilha na Grécia. Quando um dos convidados aparece morto, o detetive Benoit Blanc é chamado para solucionar o caso. Apesar do enredo simples, o filme tem ótimos diálogos e conta com o carisma do ex-007 Daniel Craig para manter a adrenalina em alta.

VISIONÁRIO, MAS DE OLHO NA TRADIÇÃO

O cineasta Rian Johnson (foto) lançou dois filmes independentes, *Brick* (2005) e *The Brother Bloom* (2009), antes de ser convidado para o trabalho que mudaria sua carreira: *The Fly*, elogiado episódio da série *Breaking Bad*. O sucesso de seu filme seguinte, *Looper*, rendeu o convite para filmar *Star Wars: O Último Jedi*, parte final da trilogia *Guerra nas Estrelas*. A partir daí, Johnson ganhou carta branca em Hollywood para liderar suas próprias produções - o que ele passou a fazer com a franquia *Knives Out*.



PARA LER

Resultado de seis meses de pesquisa, João Moreira Salles faz uma radiografia profunda sobre a Amazônia em ***Arrabalde***. Seu relato traz o debate sobre a importância da floresta tropical para o mundo, sem perder de vista a difícil realidade econômica da população da região.





PARA VER

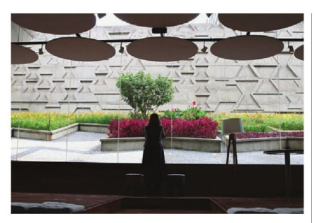
As aventuras românticas pela "cidade luz" continuam. Estreia na Netflix a terceira temporada da série ***Emily in Paris***: a personagem interpretada por Lilly Collins viverá novos triângulos amorosos e dilemas fashionistas.



PARA OUVIR

A cantora **Roberta Sá** caiu de vez no samba: seu novo álbum, *Sambasá*, traz as rodas tradicionais do estilo e conta com participações de Péricles e Zeca Pagodinho. Destaque para *Sufoco*, sucesso que ficou famoso na voz de Alcione.

por Felipe Machado



EXPOSIÇÃO

Os jardins de Burle Marx em SP

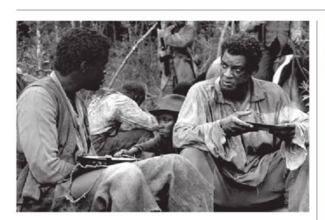
É uma abordagem inédita sobre o maior paisagista brasileiro. A mostra ***Paisagem Construída: São Paulo e Burle Marx***, em exibição no Centro Cultural Fiesp, traz os projetos em parceria com os arquitetos Rino Levi e Paulo Mendes da Rocha, além de propostas para espaços públicos que não chegaram a ser executadas. Por meio de maquetes, croquis, fotografias e vídeos, nota-se o ativismo ambiental de Burle Marx e seu pioneirismo no conceito das "cidades verdes", que valoriza a defesa da preservação dos biomas brasileiros. Até 5/2/2023.



HUMOR

Um Natal com toque de terror

O tradicional especial de fim de ano do grupo humorístico **Porta dos Fundos** será diferente. A trupe optou por um roteiro que mistura o tema ao terror, sem perder a irreverência. *O Espírito do Natal* (Paramount+) conta a história de cinco amigos que ficam tristes na data e decidem passá-la em uma casa de campo isolada. Quando um deles mata acidentalmente um "invasor vestido de vermelho", libera uma maldição sobre a turma. No elenco estão Gregorio Duvivier, Rafael Portugal, Fábio Porchat e Antonio Tabet, entre outros.



STREAMING

Will Smith contra a escravidão

O ator Will Smith volta à cena em seu primeiro trabalho após o episódio do tapa no rosto de Chris Rock, ocorrido no Oscar do ano passado. Ele é o protagonista de ***Emancipation***, novo drama do diretor Antoine Fuqua já disponível no streaming da AppleTV+. O enredo é baseado no personagem *Whipped Peter*, cujas imagens que revelaram a agressão que sofria como escravo chocaram o mundo no século 19. O elenco conta ainda com Ben Foster e Charmaine Bingwa.



ANIMAÇÃO

As nove vidas do Gato de Botas

Quase onze anos depois do filme original, chega aos cinemas a aguardada sequência *Gato de Botas 2: O Último Pedido*. Sua nova missão é manter a derradeira de suas nove vidas. Para fazer a voz do protagonista, a animação conta com o charme do espanhol **Antonio Banderas**. A produção da Dreamworks traz celebridades como Olivia Colman e Salma Hayek, além do brasileiro Wagner Moura. No Brasil, a voz principal da dublagem será feita por Alexandre Moreno.

FOTOS: JOHN WILSON/NETFLIX; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; PEDRO BUCHER; ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

por Mentor Neto



Escritor e cronista

QUE FASE...

O Brasil não anda bem. Mesmo.

Anda de lado, para não dizer que anda para trás, seja lá onde você olhar.

Na Cultura, na Educação, na Economia, na Saúde e no Esporte.

A desclassificação da Copa do Mundo, no jogo contra a Croácia, foi apenas mais uma prova disso.

Foi a cereja do bolo.

Mas o problema vem de antes.

Algum desavisado pode achar que a culpa de todos os nossos males foi da pandemia.

Ou por suas trágicas consequências ou pelo apagão na economia.

Que nada.

A pandemia foi só mais uma cereja. Uma cereja podre, é verdade.

Aí virão os petistas dizendo que as provações que estamos passando devem-se ao Bolsonaro.

Também não. Já não vínhamos bem quando este senhor foi eleito.

O ano de 2018 foi só mais uma cereja.

Temer foi outra.

Dilma, pedaladas, impeachment, mais uma.

Bolsonaristas dirão que a culpa é do PT. Não é também.

PT é apenas vermelho, como o que mesmo?

Isso. Uma cereja. Mais uma.

A coisa descambou foi durante a Lava Jato, Petrolão, Mensalão, acreditam os politizados.

Ou no 7x1, dirão os apaixonados pelo futebol.

Nosso bolo de azar tem cerejas que não acabam mais.

Tem a morte do último herói nacional, Ayrton Senna, numa curva de San Marino.

Tem o Collor, tem a Seleção de 86.

Para não falar da de 82, aquela que encantou, mas não levou.

A verdade é que o Brasil não consegue sair dessa fase em que tudo dá errado, por mais que a gente reclame.

Esforço, de verdade, não praticamos.

Mas reclama que nem doido.

A última boa notícia, dirão alguns, foi aquela capa do The Economist, com o Cristo Redentor decolando para nosso futuro que seria brilhante.

Mal sabiam eles. Na verdade, o Cristo Redentor já sabia o que teríamos de enfrentar e cansou. Decolou em busca de novos ares, isso sim.

Deus não é mais brasileiro e, com a polarização que se instituiu, nem nós mesmos sabemos quem é e quem não é brasileiro.

Somos um País abandonado pela sorte.

Vem chegando o final do ano e com ele, a ilusão de que, na madrugada de 31 de dezembro, alguma coisa misteriosa vai acontecer.

Iemanjá irá nos redimir, quando o Brasil pular sete ondas vestido de branco.

E aí sim, finalmente, espantaremos nossos fantasmas.

Pensamento mágico é o que nos move.

De alguma maneira o brasileiro, sempre Poliana, quer acreditar que algum fato novo vai resgatar a sorte que tivemos um dia.

Se é que tivemos.

O Brasil é um bolo azarado coberto de cerejas

A alegria nas ruas do tempo das Diretas Já. O fim heróico da inflação. O topete sensual do Itamar ou os marimbondos do Sarney.

Bobagem.

Aquilo foi só uma marolinha, Tancredo que o diga.

Das décadas de governo militar, então, nem se fala.

Disse Camões que a alegria plena não existe.

Mas poxa, poeta, nem você poderia prever o que temos passado nos últimos anos.

Nas últimas décadas.

Nos últimos séculos.

Somos um País que se ilude com pequenas doses de alegria.

A alegria da vez era o hexa, que neste ano viria, com toda a certeza.

Só que não.

E agora vamos acreditar num novo milagre brasileiro.

A próxima esperança é o governo Lula.

Com ele, agora sim a Nação vai para frente.

Finalmente vamos espantar essa má fase atávica, que é nossa maldição.

Aí vejo a Gleisi Hoffmann, vejo o Lindbergh Farias e lembro que já vimos esse filme antes.

Como já vimos as lágrimas dos nossos jogadores pelos gramados do mundo.

Que fase...

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista